



ARTE E REVOLUÇÃO: DE QUE COR SÃO OS CRAVOS VERMELHOS DE ABRIL?

Os Cravos do Esquecimento: o desenvolvimento do filme *Revolução (sem) Sangue* como estudo de caso da intersecção entre memória coletiva, cinema e história pública

The Carnations of Forgetness: the development of the 'Blood'less' Revolution film as case study for the intersection of collective memory, cinema, and public history

Los Claveles del Olvido: el desarrollo de la película Revolución (sin) Sangre como caso de estudio de la intersección entre la memoria colectiva, el cine y la historia pública

Ana da Silveira Moura¹

orcid.org/0000-0001-7039-4533
acmoura@mhnc.up.pt

Rui Pedro Sousa²

orcid.org/0009-0006-2592-9934
rui.sousa@station.com.pt

Sónia Resende Beleza²

orcid.org/0009-0006-0467-9438
sonia.resende@station.com.pt

Recebido em: 02 jul. 2025.

Aprovado em: 07 abr. 2026.

Publicado em: 28 ago. 2026.

Resumo: A Revolução portuguesa de 25 de Abril de 1974, comumente conhecida como Revolução dos Cravos, costuma popularmente ser designada 'revolução sem sangue'. Enquadrada na reorganização da memória coletiva enquanto memória forte (Caudan, 2011), este trabalho explora o desenvolvimento, produção, estreia e recepção do filme *Revolução (sem) Sangue*, como a linguagem fílmica pode ser um fator ponderado na relação entre cinema, memória coletiva, e história pública. Estreado duas semanas antes do cinquentenário da Revolução do 25 de Abril, a narrativa cinematográfica encena a vida de quatro das pessoas que morreram nesse dia num confronto entre populares e a polícia política, tornando-se um caso de estudo entre o cinema e o reconhecimento institucional de aspetos menos presentes nas dinâmicas de memória. Incluindo, numa abordagem de índole empírica, dados de uma grande variedade de fontes primárias, propõe-se nas conclusões que os parâmetros de surpresa narrativa, conexão emocional, e 'âncoras' (pessoais e institucionais) de impacto individual e social são componentes da linguagem do cinema com efeito causal nestas dinâmicas.

Palavras-chave: Revolução dos Cravos; cinema; memória coletiva; anos 70; cinedramaturgia.

Abstract: The Portuguese Revolution of April 25, 1974, commonly known as the Carnation Revolution, is often popularly referred to as the 'bloodless revolution'. Framed within the reorganization of collective memory as strong memory (Caudan, 2011), this work explores the development, production, premiere, and reception of the film *Revolução (sem) Sangue (Blood'less' Revolution)*, and how film language can be a factor in the relationship between cinema, collective memory, and public history. Premiered two weeks before the fiftieth anniversary of the April 25 Revolution, the cinematic narrative stages the lives of four of the people who died that day in a confrontation between civilians and the political police, becoming a case study of the relationship between cinema and the institutional recognition of aspects less present in the dynamics of memory. Including, in an empirical approach, data from a wide variety of primary sources, the conclusions proposes that the parameters of narrative surprise, emotional connection, and (personal and institutional) 'anchors' of individual and social impact are components of the language of cinema with a causal effect on these dynamics.

Keywords: Carnation Revolution; cinema; collective memory; 1970s; film drama.

Resumen: La Revolución Portuguesa del 25 de abril de 1974, conocida comúnmente como la Revolución de los Claveles, se conoce popularmente como la «revolución incruenta». Enmarcada en la reorganización de la memoria colectiva como memoria fuerte (Caudan, 2011), esta obra explora el desarrollo, la producción, el estreno y la recepción de la película *Revolução (sem) Sangue (Revolución (sin) Sangre)*, y cómo el dinámica cinematográfico puede ser un factor en la relación



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Universidade de Vigo, España; Museu de História Natural e da Ciência, Universidade do Porto, Portugal.

² Station Productions, Portugal.

entre el cine, la memoria colectiva y la historia pública. Estrenada dos semanas antes del quincuagésimo aniversario de la Revolución del 25 de abril, la narrativa cinematográfica escenifica las vidas de cuatro de las personas que murieron en ese día en un confronto entre civiles y la policía política, convirtiéndose en un caso de dinámica de la relación entre el cine y el reconocimiento institucional de aspectos menos presentes en la dinámica de la memoria. Al incluir, en un enfoque empírico, datos de una amplia dinámicas de fuentes primarias, las conclusiones proponen que los dinámicas de sorpresa narrativa, conexión emocional y los pilares (personales e institucionales) del impacto individual y social son componentes del dinámica cinematográfico com un efecto causal en estas dinámicas.

Palabras clave: Revolución de los Claveles; cine; memoria colectiva; década de 1970; drama cinematográfico.

1 Introdução: A História é um Organismo Vivo³

Carlos Monteiro (Monteiro, 2023) na sua reflexão sobre "história, memória e cinema brasileiro contemporâneo" e de como os filmes que analisava se enquadram no "processo de construção da memória social sobre a ditadura civil-militar brasileira", considera que (Monteiro, 2023, p. 3):

O cinema é uma linguagem que permite discutir a nossa relação com o tempo e propor um debate público sobre como os diferentes passados habitam o nosso presente em uma relação que não é linear e progressiva do tempo, mas sim percorre a via do fragmento e da montagem.

A "via do fragmento e da montagem" não é facilmente dissociável da seletividade coletiva da memória, que é "[...] o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade" (Alberti, 2005, p. 167). Assim, podemos interrogar de que maneira, e com que variáveis, pode a narrativa cinemática de fragmentos individuais de memória conciliar-se na história pública dum evento nacional com uma unidade de identidade madura. Nomeadamente, se há (algum) reconhecimento do cinema como interveniente dessa conciliação

em agentes público-políticos, qual a ressonância na audiência?

As primeiras décadas, de 1900 até 1926, foram particularmente turbulentas e disruptivas em Portugal (Rosas; Rollo, 2010): regicídio em 1908, instauração da República Portuguesa em 1910, e a participação desastrosa na Primeira Guerra Mundial, que aumentou o descontentamento com o governo da Primeira República, por vezes corporizado em insurreições, como a da Monarquia do Norte em 1919 (Silva, 2006), até ao golpe em 1926 que levou à instauração de uma ditadura por largas décadas. E depois, o dia 25 de Abril de 1974.

A segunda metade do século vinte testemunhou muitas revoluções, algumas em reação a regimes autoritários, ou eles mesmo revolucionários, instaurados na primeira metade desse século. Entre elas, a Revolução dos Cravos não só foi um dos raros casos em que um golpe militar resultou em transição democrática, mas o seu potencial efeito de influência mundial foi imediatamente notado (Editorial, 1974).

Esta transição de sublevação militar para regime democrático não é o único aspecto da Revolução de 1974 que atraiu a atenção e estupefação, senão mesmo sensação de maravilhamento, da imprensa internacional (Steele; De Figueiredo, 1974). Houve objetivamente um carácter de pacifismo entre todos oficiais. E o símbolo dos cravos nas armas capturou esse carácter de forma indelével.

Os estudos científicos tendem a indicar uma tendência humana para a polarização (Smith *et al.*, 2024). Ou é bom, ou é mau. Ou é herói, ou é vilão. E esta revolução, pacífica e extraordinária, ganhou a designação de Revolução Sem Sangue, sendo como tal comumente referida nas décadas seguintes, como refere o Presidente da Assembleia da República Portuguesa nas comemorações do cinquentenário⁴ da revolução, e mesmo artigos que questionaram a manutenção popular dessa

³ Referência ao famoso parágrafo inicial do livro *A Maldição de Hill House*, de Shirley Jackson: "No live organism can continue for long to exist sanely under conditions of absolute reality; even larks and katydids are supposed, by some, to dream".

⁴ Vide os minutos 2: 25:31 (sobre o 25 de Abril ser referido como um dia sem sangue).

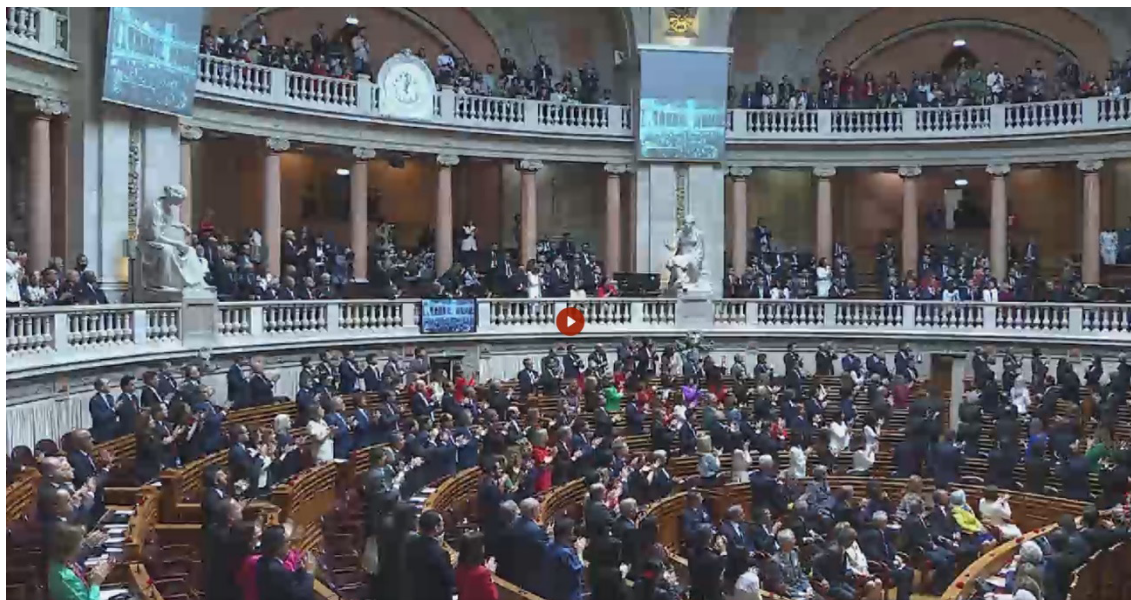
designação⁵ (Assembleia da República, 2024; Rocha, 1999).

Em 2021, no segundo ano da pandemia da COVID-19, o realizador Rui Pedro Sousa, nascido dezasseis após a revolução, leu uma notícia que o chocou, '25 de Abril: a revolução que não foi assim tão branda' (Araújo, 2019a). Foi a primeira vez que ouviu falar de pessoas mortas no dia 25 de Abril. Mortas durante um confronto entre as pessoas inebriadas de alegria pelos eventos do dia e a Polícia Internacional e de Defesa do Estado/Direção Geral de Segurança (PIDE/DGS), resultando na morte de quatro populares e um servente da PIDE (Alves, 2024). Tendo decidido que queria homenagear "[...] estas pessoas, que, ao fim ao cabo, ficaram esquecidas na memória coletiva dum país" através duma longa-metra-

gem, telefonou imediatamente à pessoa que se tornaria a co-argumentista (Alves, 2024).

O filme *Revolução (sem) Sangue* estreou no dia 10 de abril de 2024, no Cinema S. Jorge, com a presença do Presidente da República Portuguesa e de familiares de três das pessoas mortas na plateia. Duas semanas depois, pela primeira vez em cinquenta anos, a Assembleia da República Portuguesa reconhece nos discursos oficiais de comemoração do 25 de Abril de 1974 a morte e identidade dos quatro populares mortos e os familiares das mesmas que estavam presentes na galeria, convidados para as comemorações oficiais pelo Presidente da Assembleia da República, foram aplaudidos de pé por todos os deputados, sem exceção – vide Figura 1 (Assembleia da República, 2024; Carmo, 2025)⁶.

Figura 1 – Momento em que os deputados da Assembleia da República Portuguesa espontaneamente levantam-se e aplaudem a família de Fernandes Reis, presente na sessão do cinquentenário da Revolução dos Cravos (Captura de ecrã)



Fonte: disponível em <https://canal.parlamento.pt/cid/7648/reuniao-plenaria>.

Este trabalho propõe-se ser uma abordagem exploratória sobre como um filme, enquanto

objeto artístico, ao encenar, com novos detalhes individuais, um evento de reconhecida unidade na

⁵ No primeiro parágrafo, página 20: [...] Foram poucos segundos, demasiados para fazerem as vítimas mortais de uma "revolução sem sangue" [...] (Rocha, 1999). O mesmo autor reforça na página 21 do mesmo artigo que o único tributo às pessoas mortas foi uma placa colocada em 1980, nas quais há incorreções em dois dos nomes das vítimas.

⁶ Vide os minutos 2:25:45 (menciona que há quatro famílias a discordar da designação de Revolução sem Sangue), 2:26:03 (ser tempo do nome das vítimas serem referidos na Assembleia da República), 2:26:11 (leitura dos nomes), 2:27:16 (indicar que pela primeira vez as famílias tinham sido convidadas a estarem presentes), e 2:26:58h (à menção da família presente, todos os deputados espontaneamente aplaudem e levantam-se) do vídeo do discurso oficial.

memória coletiva e história pública pode influenciar o discurso oficial sobre o mesmo, a ponto de em meios de comunicação ser apontado como um dos fatores decisivos para tal⁷ (Carmo, 2025).

Recorrendo ao estudo de caso do desenvolvimento e recepção do filme *Revolução (sem Sangue)*, privilegiando fontes primárias - entrevistas, redes sociais, imprensa, materiais de produção cinematográfica -, apresenta-se essa análise ao desenvolvimento filmico integrando essas fontes, e mesmo a contribuição dos vários elementos, como a ação dos consultores históricos do filme, nas etapas em que intervieram. Igualmente, a discussão da relação entre o filme, a memória coletiva e a história pública, foca-se na análise desses elementos para compreender a eventual reorganização de uma memória forte, no sentido que Candau a define (Candau, 2011, p. 44-45):

[...] Uma memória forte é uma memória organizadora, no sentido de que é uma dimensão importante da estruturação de um grupo e, por exemplo, da representação que ele vai ter de sua própria identidade, quando essa memória é própria de um grupo extenso, falarei de uma memória organizadora.

Em suma, a hipótese que pretendemos explorar neste trabalho é: como a linguagem cinematográfica, enquanto interveniente da interface cinema, memória coletiva, e história pública, pode ser fator ponderado na reorganização da memória forte?

2 Recuperar a Memória Individual: A Pesquisa & Análise

O processo de pesquisa e análise de fontes históricas do filme, muitas vezes em testemunho dos intervenientes, não só está fragmentado entre entrevistas e *featurettes* oficiais, como foi previamente enquadrado pelos argumentistas em eixos narrativos. Recorreu-se a estas fontes, assim como a testemunhos recolhidos junto aos

co-argumentistas para conseguir uma perspetiva coesa dessa fase inicial que enforma o desenvolvimento do filme. No entanto, os testemunhos apenas são usados quando há informação que seja relevante e não se encontre registrada publicamente.

Em junho de 2022 o projeto do filme estava entre os selecionados do Prémio *Pitching Forum* do festival de cinema internacional FEST – New Directors New Films Festival (FEST), acabando por vencer na categoria *Feature Gems* (Revolução [...], 2022). Nesse mesmo outono, o Instituto do Cinema e Audiovisual (ICA) incluí-o na lista das cinco candidaturas apoiadas (ICA, 2022), no concurso Apoio à Produção de Primeiras Obras de Longa-Metragem de Ficção 2022. Aquando da candidatura, já era uma coprodução internacional, com destaque para a parceria com a espanhola Filmax, que tinha imediatamente aderido ao projeto quando o mesmo lhe foi apresentado pela produtora Station Productions, a detentora dos direitos do filme.

Mas antes disso um argumento foi escrito⁸, após uma primeira fase de pesquisa e consultoria, cuja primeira versão completa ficou concluída a 23 de dezembro de 2021 (Moura, 2021a), e as decisões cinemáticas da narrativa decididas. Tendo em conta as reações político-sociais positivas e negativas após a estreia do filme, é evidente que foi neste arranque inicial de construção (recuperação) da história e de como deveria ser contada que se definiu o objeto filmico verdadeiramente e o seu impacto.

Quando no dia 4 de novembro de 2021 (Moura, 2021b), Rui Pedro Sousa e A. M. P. Rodriguez se sentaram para começar a escrever o guião, e mesmo antes da fase de pesquisa que antecedeu esse momento, o realizador-argumentista tinha já explicado as linhas gerais da narrativa à co-argumentista, com as quais ela concordou⁹.

Em primeiro lugar, o filme era sobre *eles*, os

⁷ Especificamente como um dos fatores decisivos para só "quando Abril volveu meio século, os nomes destes homens foram, pela primeira vez, mencionados na Assembleia da República" (Carmo, 2025).

⁸ Os detalhes do desenvolvimento do guião e da pesquisa que o antecedeu são detalhados nas secções deste trabalho designadas 'Recuperar a Memória Individual: A Pesquisa & Análise' e 'Entre a verdade e a expressão artística: A Escrita & Desenvolvimento', com os diferentes consultores identificados nas fases em que intervieram no processo.

⁹ Conforme testemunho dos argumentistas recolhido pelos autores deste trabalho.

esquecidos mortos de Abril. Tal como eram. Mesmo que fossem desinteressantes. Mesmo que não se adequassem à imagem do que se esperaria de 'heróis' da Revolução dos Cravos. Mesmo que tivessem dissonâncias para as expectativas anacrónicas dos que iam ouvir falar deles pela primeira vez. Era o mínimo que mereciam, serem recuperados como pessoas, começando pela identidade do nome até à da personalidade. Tinham estado vazios da memória de todo um país durante meio século, era assim justo que a memória a ser resgatada fosse a deles.

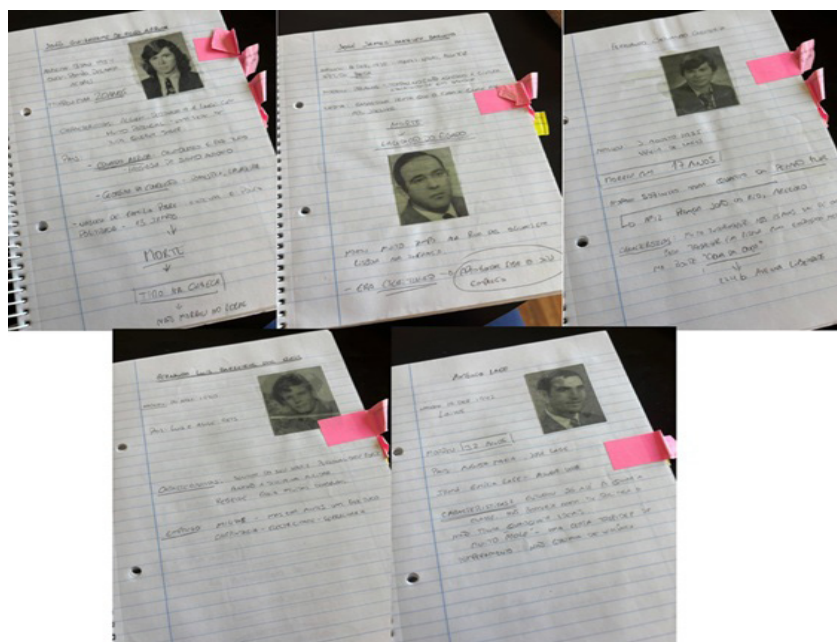
Durante as sessões do FEST Pitching Forum, alguns dos membros de outros projetos selecionados após ouvirem a sinopse do filme, perguntaram como os sucessivos governos tinham "ocultado" a história durante todo aquele tempo. E a resposta que foi dada pelos argumentistas, deverá ter sido a que nunca esperariam pela surpresa que demonstraram¹⁰. Nunca foi ocultado.

Não só existiam em arquivos (Cinco [...], 1974)

de acesso aberto as reportagens da época que mencionavam as mortes (regra geral para chamar a atenção de quão pequeno era o número de pessoas mortas perante uma alteração de regime via uma revolução militar (Steele; De Figueiredo, 1974)), como ao longo das décadas, de tanto em tanto tempo, um ou outro periódico publicava reportagens que abordavam o terem existido mortos no dia da Revolução Sem Sangue. Inclusive, entre outros documentários em acesso livre com essa inclusão, estava disponível na plataforma de *streaming* de acesso público e aberto, a RTP Play, o documentário de Jacinto Godinho sobre os eventos na Rua António Maria Cardoso que levaram a estas mortes (Godinho, 2015).

Os seus nomes e idades também não eram desconhecidos: João Guilherme de Rego Arruda, 20 anos, Fernando Luís Barreiros dos Reis, 23 anos, José James Harteley Barneto, 38 anos, e Fernando Carvalho Giesteira, 17 anos (vide a Figura 2).

Figura 2 – Fotografias do caderno de anotações do realizador Rui Pedro Sousa durante a fase de pesquisa e desenvolvimento, com as anotações pessoais de Sousa e fotos (Monteiro, 2019; Rocha, 1999) das cinco pessoas que morreram nos confrontos da Rua António Maria Cardoso



Cima, da esquerda para a direita: João Arruda, José Barneto, e Fernando Giesteira. Em baixo, da esquerda para a direita: Fernando Reis, e António Lage.

Fonte: Copyright @Rui Pedro Sousa (cortesia do autor).

¹⁰ Conforme testemunho dos argumentistas recolhido pelos autores deste trabalho.

Os factos, ou a verdade, se assim o quisermos exprimir, não foi ocultada, mas poucos para além dos familiares (Antunes, 2024; Rocha, 1999)¹¹ esforçaram-se por manter essa informação viva na memória individual e coletiva. Menos ainda em conhecer quem tinham sido aquelas pessoas. Os mortos eram pessoas comuns, sem passado conhecido de militância política, anónimos, e isso tornava-os um número, e um número pequeno, que pode ser facilmente esquecido.

A Revolução portuguesa de 25 de Abril de 1974 foi objetivamente uma das revoluções mais pacíficas algumas vezes ocorridas e, segundo fontes oficiais, (apenas) cinco pessoas mortas numa rua de Lisboa quando o país exultava com a queda do governo autoritário de décadas era realmente muito pouco.

Mas não se considera, no Portugal que aboliu a pena de morte na sociedade civil em 1867, a vida humana e o valor duma pessoa como absolutos e inquestionáveis? E, se assim é, como definir o absoluto e inquestionável em função de números? Qual a medida de sangue derramado que define se uma revolução foi sem sangue? E não se contam todas as vidas perdidas num campo de batalha, seja de que lado forem?

Seguindo a mesma lógica, quer a do valor da vida humana, quer a do valor de enfrentar os factos dos eventos históricos tais como eles são, optou-se por também abordar a morte de António Lage (Moura, 2022)¹², cuja inclusão no filme será fonte de polémica, pois ele trabalhava na PIDE.

Em segundo lugar, a perspetiva da narrativa cinematográfica seria a *deles*. Com isto, nós (espectadores) apenas veríamos, saberíamos e ouviríamos o que estas cinco pessoas teriam visto, sabido ou ouvido naquele dia, nas ruas da capital, na rua fatídica (Revolução [...], 2024a)¹³.

Como Sousa comentou (Renascença, 2023):

"Quando filmámos no Carmo, a câmara nunca chega a estar junto do [capitão] Salgueiro Maia e dos militares; fica sempre junto das personagens do povo, que estavam lá longe a ver. [...] É mostrar a revolução na perspetiva destas pessoas, que não se conheciam de todo e acabam por estar no sítio errado, à hora errada", disse.

Qualquer português hoje sabe o que significa quando começa a tocar o *Grândola Vila Morena* naquela noite na rádio. Mas como saberiam eles? Espantar-se-iam decerto, tal como se admiraram os populares que ouviram, alheios todos que aquele momento e melodia entrariam na História do país.

E desta maneira imaginar-se ficcionalmente a experiência dos milhares que saíram às ruas, tão ignorantes como estes cinco, de tudo o que se passava, a não ser os pedacinhos que iam apanhando ali e acolá. Essa experiência ouve-se através dos registos áudios, que ficaram em arquivo após serem registrados pelos repórteres que foram para a rua lado a lado com os anónimos, e que foram incluídos nos créditos do filme. Essa inclusão leva a que a audiência ouça pela primeira vez ou lembre as vozes espontâneas e até algo ingênuas de quem estava a viver uma revolução. Ou como disse o jornalista Adelino Gomes nesses mesmos áudios¹⁴:

De modo que isto é um pouco festa, diria que isto é um pouco surrealista à maneira portuguesa, é uma revolução que acontece e as pessoas participam nela com muita curiosidade como se isto fosse, sei lá, uma peça de teatro ou um filme [...] (Laranjeira, 1974).

Com estes dois eixos definidores, a recuperação da identidade e personalidades daquelas pessoas, e a construção duma narrativa ficcional pela perspetiva delas, seguiu-se a pesquisa.

Começou-se pelos livros, nomeadamente o escrito pelo jornalista Fábio Monteiro, 'Esque-

¹¹ Por exemplo, anónimos colocaram uma placa com o nome de João Arruda, Fernando Giesteira, José Barneto e Fernando Reis na Rua António Maria Cardoso, mas os nomes de Arruda e Giesteira estavam incorretos (como José Guilherme R. Arruda e Fernando C. Giesteira); Pedro Vieira, guionista e ilustrador, também lutou pelo reconhecimento destas pessoas e da sua importância durante anos, tendo estreado na televisão o seu documentário *Cravos e Não Só* a 27 de abril de 2024 (<https://observador.pt/especiais/cravos-sangue-e-uma-saraivada-de-tiros-o-cinema-e-a-televisao-contam-a-historia-dos-mortos-do-25-de-abril/>), estando o mesmo disponível na RTP Play.

¹² Na publicação da conta pessoal de Instagram da co-argumentista de 3 de fevereiro de 2022 pode-se observar no quadro das personagens do filme o nome de António Lage: <https://www.instagram.com/anadasilveiramoura/p/CZg4-gkMfHH/>

¹³ Minuto 2: 33 do *featurette* Os Esquecidos Revolução (sem) Sangue https://www.imdb.com/video/vi415280488g/?ref=tt_vids_vi_4

¹⁴ Vide minutos 10.13 – 10.25 de Laranjeira (Laranjeira, 1974).

cidos em abril' (Monteiro, 2019) que traçava um retrato mais íntimo de quem teriam sido aquelas pessoas, e salientava a relevância das mesmas para a História e a democracia que se seguiu à Revolução dos Cravos (Santos, 2019). Monteiro afirma no seu livro (Monteiro, 2019):

Na história do 25 de Abril, distantes dos olhos da população, os mortos da Rua António Maria Cardoso fizeram desabar qualquer possibilidade de a PIDE/DGS continuar. (Nas colónias, por força de Costa Gomes, a polícia política foi reestruturada.) Mesmo assim, estas vítimas foram esquecidas, tratadas como peças de dominó insignificantes.

Através deste jornalista, foi possível contactar as famílias e amigos dos que tinham morrido. Visitas, telefonemas, e mesmo reuniões online,

horas e horas de conversas, de detalhes e até da partilha de objetos originais (cartas, por exemplo), permitiram o ter-se uma noção fragmentada, mas bem delineada de como eram essas pessoas.

Outro livro fundamental como fonte de pesquisa foi aquele a que se referia a notícia que iniciara a curiosidade do realizador (Araújo, 2019b), o que o levou não só a usar amplamente as informações no mesmo para preparar as cenas do confronto entre os populares e a PIDE, mas a incluir António Araújo como um dos consultores históricos do filme (vide a Figura 3). De facto, a interação com o desenvolvimento do filme foi tão boa que o historiador participa no filme como um homem preso pelo PIDE (Revolução [...], 2023a)¹⁵, estando creditado como 'Preso Político'.

Figura 3 – Captura de ecrã da conta oficial da app Instagram do filme *Revolução (sem) Sangue*, em que se menciona a personagem de António Araújo no filme, e simultaneamente o seu contributo enquanto consultor histórico



Fonte: disponível em <https://www.instagram.com/p/Cz8ahLPMuvM/>.

E por fim, os documentários que levaram o realizador a contactar Jacinto Godinho, e que o mesmo, em conjunto com António Araújo, guiasse pelas ruas de Lisboa o realizador, a co-argumentista e o jornalista Fábio Monteiro, mostrando e explicando como teriam sido os movimentos dos populares desde o Carmo até à Rua António Maria Cardoso, quando se aproximaram da sede

de 'tão má memória'¹⁶ gritando: Morte à PIDE!

Assim, a primeira fase da pesquisa consistiu em entrevistas diretas com os familiares e amigos, acesso a fonte e materiais que os mesmo forneceram, como cartas, à visualização de documentários, vários livros não só sobre os mortos no dia 25 de Abril de 1974 na Rua António Maria Cardoso, mas também sobre os detalhes do

¹⁵ Vide igualmente: https://www.imdb.com/pt/name/nm9792255/?ref=ttfc_fcr_cst_29.

¹⁶ Expressão que se ouve o jornalista Adelino Gomes dizer num dos registos áudios incluídos nos créditos do filme.

confronto que os vitimou, e o apoio de consultores – os já referidos historiador, jornalista, e documentarista – para detalhes desse confronto, da PIDE e do Estado Novo.

3 Entre a verdade e a expressão artística: A Escrita & Desenvolvimento

O cinema é uma arte (e indústria) com uma linguagem própria para a narrativa que pretende apresentar. De facto, quando questionado sobre se o filme era uma adaptação do livro de Monteiro ou se tinha seguido uma investigação própria, Sousa respondeu: “Não, realizamos uma investigação própria, pois o livro não era adaptável para o formato do filme”, indicando mesmo que (Gomes, 2024):

O livro apresenta simplesmente: “*Olhem, o João era assim, o Fernando Giesteira era assim, a irmã contou-nos isto.*” O filme incorpora muito dessa informação, mas tendo-a obtido através do livro, contactamos o Fábio, que nos facilitou o acesso às famílias, possibilitando-nos realizar novas entrevistas para compreender quem eram essas pessoas em vida. Em termos históricos, procuramos a colaboração de Irene Pimentel, Jacinto Godinho, que é outro jornalista, responsável pelo documentário incrível da RTP intitulado “Os Últimos Dias da PIDE”, além de Fábio Monteiro e António Araújo, que é um historiador que compreende muito bem o dia em si. E foram essas as bases para a história.

Na realidade, ao escolher-se a perspetiva do filme (pelos olhos de quem ignorava o que políticos e militares sabiam durante a revolução), e uma compressão temporal, de mostrar de forma linear e sem recorrer a *flashbacks* (Ribeiro; Gaudêncio, 2023)¹⁷, a história deles e dos eventos a começar na noite de 23 de abril de 1974 até 26 de abril de 1974, com o epílogo das consequências das suas mortes, não só não poderia ser a adaptação do livro ‘Esquecidos em abril’, mas de mais nenhum

material solo. Pelo contrário, recolhendo de todas as fontes, apresentariam cinematicamente uma cápsula de tempo de como eles (e os restantes portugueses da altura) viviam e viveram nesses dias (Morales, 2024)¹⁸.

Um exemplo são diálogos e frases verbatim que os familiares transmitiram oralmente nas conversas iniciais com os argumentistas (Alves, 2024; *Revolução [...]*, 2024b)¹⁹, essenciais para a construção da imagem de como eram estas pessoas, e que tinham sido proferidas ou escritas ao longo dum período maior que o espaço cinemático escolhido.

Assim, um diálogo que ocorreu entre a irmã e Fernando Giesteira meses antes da revolução, transitou para a véspera da revolução. Comprime-se esse episódio com outro, independente em termos espaço-temporais, em que Giesteira conhece o pai do seu sobrinho, Albano Ribeiro, que chega no final da refeição. Mantém-se o espírito das duas interações e diálogos e mesmo algumas partes das conversas, para compreensão do espectador sobre as pessoas envolvidas e as suas relações e atritos. Essa mesma cena é repescada, sob uma outra perspetiva no final do filme, para ilustrar o efeito da vida e morte de Giesteira nos familiares que lhe sobreviveram.

Outro exemplo foi o testemunho do Sr. Vinhas²⁰, porteiro da residência de estudantes onde morava João Arruda, igualmente incluído no filme, sobre a sua tentativa de alertar o jovem estudante para o eventual perigo de ir para a rua, e a resposta dele: “Hoje é o dia mais feliz da minha vida!” Essa resposta foi incluída verbatim. Por outro lado, uma cena com Arruda a fingir que está a dar uma aula na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, surge do testemunho dos seus familiares e amigos sobre a sua natureza brincalhona e de

¹⁷ Como frisado pelo realizador na reportagem publicada no jornal *Público* a 5 de fevereiro de 2023: <https://www.publico.pt/2023/02/05/politica/noticia/revolucao-sangue-tomada-sede-pide-filme-2037356>.

¹⁸ Algo notado na publicação de Facebook de João Morales:

Estive na passada Quarta-feira na ante-estreia do filme Revolução Sem Sangue (o facebook não me deixa grafar a palavra de forma correcta, com Sem cortado ao meio, rasurado, como se diz), realizado por Rui Pedro Sousa, a narrativa ficcionada a partir da história bem real dos que tombaram no dia 25 de Abril de 1974, vítimas de rajadas de metralhadora disparadas da sede da PIDE – José Barneto, Fernando Barreiros dos Reis, João Arruda, Fernando Giesteira e António Lage, ele mesmo um jovem funcionário da PIDE.

Perante uma narrativa que abrange crónica de costumes, visão política, evocação de momentos fulcrais dos dias da transição, tudo isto inserido na malha das vidas destes cinco azarados da História (que viram terminar a sua, pessoal, no “dia inicial inteiro e limpo” cunhado por Sophia de Mello Breyner, como símbolo de todos os paradoxos e do preço que tantos outros pagaram ao longo dos anos anteriores), viajamos. Construído com verosimilhança, o filme transporta-nos imediatamente para a época, denotando preocupação e mover-se no tempo que ilustra. [...]

¹⁹ Vide minuto 1:57 da *featurette*.

²⁰ Exemplo mencionado pelo realizador em várias entrevistas.

episódios em que imitou uma ou outra figura de autoridade docente (ou não).

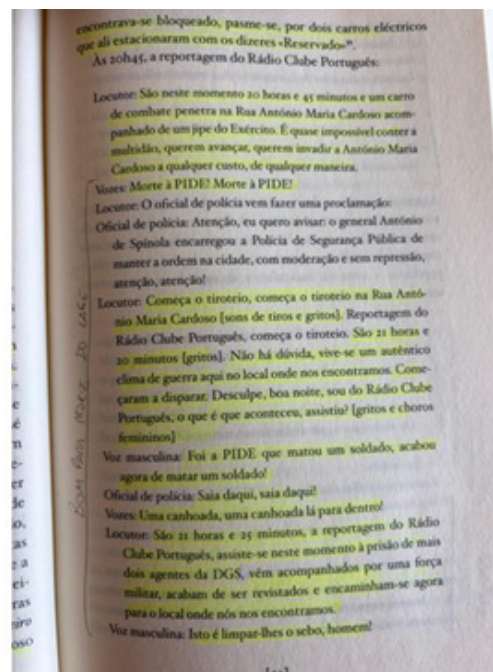
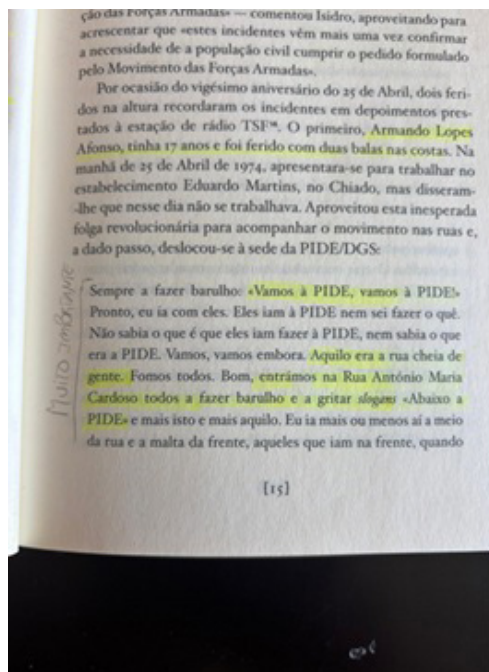
Donde, consoante as restrições de espaço e tempo que obrigam não um, mas vários protagonistas, a terem um percurso completo, um arco de personagem, em hora e meia de filme, condicionam a comprimir, re-ajustar, e/ou ficcionar em contexto próximo, o que aconteceu.

Se as famílias trouxeram os detalhes que permitiram construir as personagens que falariam por aqueles mortos, numa segunda fase de pesquisa, já durante o desenvolvimento do guião, os consultores do projeto trouxeram os detalhes, mesmos os mais ínfimos, de como seriam as vivências e interações não só na Lisboa pré-revolucionária mas dentro da sede da PIDE.

António Lage, morto no rescaldo dos confrontos na rua António Maria Cardoso, era um servente

na sede da temida polícia política. Ver a história da revolução pelos olhos dos que morreram era também ver a PIDE desde o seu interior, no antes e durante da Revolução (vide a Figura 4). Até nos pormenores. Por exemplo, durante a escrita duma cena que decorreria num corredor da sede da PIDE, Sousa e Rodriguez²¹ ficaram na dúvida de como seria a interação entre quem se cruzava nesse(s) corredor(es), o que poderiam ver e ouvir, e telefonaram a Irene Pimentel, contactada nesta fase da escrita para ajudar nos aspectos sócio-históricos sobre o Estado Novo e a Polícia Política – formando assim com António Araújo o núcleo de historiadores a colaborar no projeto –, apenas para perguntar se o que escreviam nesses dois minutos de cena era verosímil e de acordo com o que se sabia sobre o funcionamento no interior da sede.

Figura 4 – Fotografias do livro de António Araújo, "Morte à PIDE" adquirido pelo realizador Rui Pedro Sousa, com anotações feitas pelo mesmo durante a fase de pesquisa e desenvolvimento do filme *Revolução (sem) Sangue*



Fonte: Copyright @Rui Pedro Sousa (cortesia do autor).

Mas não só de política se vive uma crônica do passado. São os pormenores que criam a realidade imersiva que tantas vezes é apontada

como sendo particularmente cinematográfica. Se a história deveria ser vista pelos olhos dos que a viveram, a vivência deveria ser o mais aproximada

²¹ Testemunho recolhido diretamente pelos autores deste trabalho.

possível. Que pormenores os populares se teriam apercebido durante a revolução?

Hoje, com mais de cinquenta anos a acentuar o carácter quasi-pacífico de esse dia, é fácil de esquecer que durante os eventos não se tinha a certeza do desfecho. E na realidade, há relatos que indicam isso, como o que o escritor e poeta Luiz Pacheco (Pacheco, 2005)²² nos oferece no seu relato sobre a revolução:

Em Queluz, já vejo lojas fechadas, outras a fechar à pressa e uma data de tontos a abastecerem-se para o ano todo... oiço que um tal comprou mais de cem pães. Rica açorda (ou negócio) deve ter feito com eles.

Pacheco não foi o único a registrar o açambarcamento de víveres, nomeadamente pão. Os

jornais lisboetas também o mencionam (Come [...], 1974)²³, como se pode ver na Figura 5. Uma cena do filme foi escrita de propósito para ilustrar esse aspecto (Cinemundo, 2024)²⁴, poucas vezes retratado quando se aborda o 25 de Abril de 1974 (vide Figura 6). Na cena coloca-se a personagem de um dos que morreram, Fernando Giesteira, com personagens ficcionadas (baseadas nas descrições que faziam sobre o seu núcleo profissional e afetivo em Lisboa), esperando a sua vez para comprar pão numa das padarias/confeitarias ainda abertas. E o cliente à sua frente, evocando o episódio que Pacheco refere, pede cem pães, sendo que o interesse romântico de Giesteira ecoa, em homenagem, o que o poeta escreveu: "Este senhor vai fazer uma bela açorda!"

Figura 5 – Metade inferior da página 9 do jornal *A Capital* do dia 26 de abril de 1974, em que se relatam os episódios com açambarcamento de vários géneros alimentícios



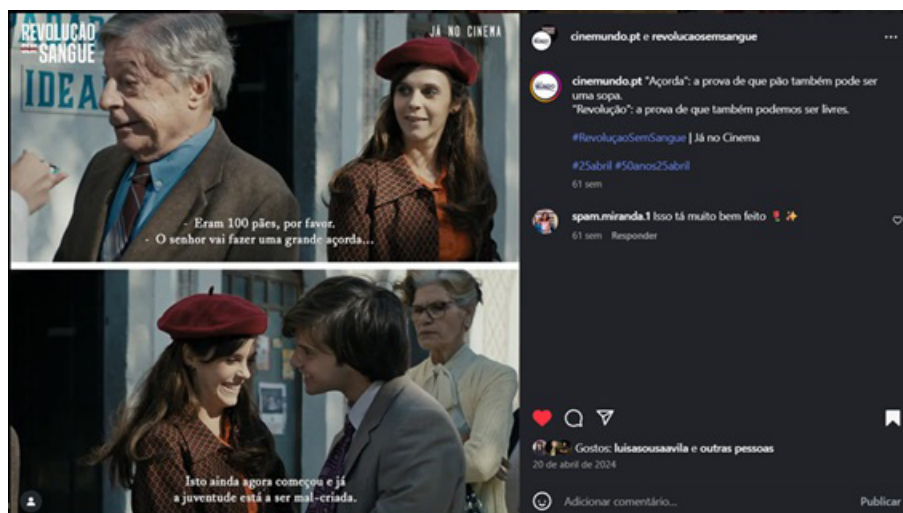
Fonte: disponível em https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Capital/ACapital_26Abr1974/ACapital_26Abr1974_item1/index.html.

²² Publicado no livro Luiz Pacheco, *Diário Remendado (1971-1975)*, Lisboa, D. Quixote, 2005, ISBN 9789722028615, do qual muitos publicam a entrada que refere o 25 de abril como o poeta o viveu: <https://noticiasdebustos.blogspot.com/2010/04/o-meu-25-de-abril.html>.

²³ A ocupar a metade inferior da página nove do jornal *A Capital* do dia 26 de abril de 1974.

²⁴ A distribuidora Cinemundo fez questão de publicar a cena e troca de palavras na sua conta pessoal de Instagram.

Figura 6 – Captura de ecrã da conta da app Instagram da distribuidora Cinemundo, com a cena inspirada no episódio que Luiz Pacheco relata no seu diário



Fonte: disponível em https://www.instagram.com/p/C5_M6YNsgQP/.

Uma narrativa constrói-se de conflito, do modelo narrativo da "jornada do herói", como analisada por Joseph Campbell e Christopher Vogler (Campbell, 2008; Vogler, 2015). E há quase uma expectativa de como deve ser essa jornada. Tem de existir sempre um propósito, senão não se é um herói, é-se um figurante, que ao morrer não passa dum dano colateral.

De facto, alguns dos leitores da primeira versão do argumento indicaram não terem gostado particularmente de Fernando Giesteira enquanto personagem cinemática porque "ele não estava a fazer nada, andava por ali, foi um acaso". Outro leitor comentou que estas pessoas não eram muito interessantes e se calhar era melhor criar personagens de raiz, que tivesse um arco mais apelativo do ponto de vista artístico e filmico²⁵. Garantir que todos tinham razões para estarem onde estavam e razões que fossem as certas: ativismo, etc.

Há um hábito, tão arraigado que nem se questiona, de se dizer que os (Antigos) Gregos já inventaram tudo, nomeadamente no teatro. Na realidade, os Antigos Gregos não valorizavam a vida humana como nós atualmente valorizamos (pelo menos em teoria, senão mesmo na lei).

Como tal, nem todos os percursos eram valorizados, ou valorizados da mesma maneira, e daqui resulta que nos habituamos a ter uma certa expectativa de como devem ser as narrativas e quem as protagoniza.

Não há um valor único numa só pessoa, independentemente de ela não ter um arco de herói, ou pelo menos de não o ter como se costuma esperar que seja esse arco? O nada, de ninguém que nada fez, não pode ter subtons que não apreciamos devidamente?

Independentemente destas pressões, tanto o realizador como a co-argumentista mantiveram-se irredutíveis na escolha de darem viabilidade àquelas pessoas, durante tanto tempo esquecidas da memória coletiva, tal como elas eram e não como seriam mais apetecíveis a uns ou outros, nomeadamente da perspetiva político-ativista, ou até mais adequadas a uma narrativa cinemática mais criativa ou apelativa. De facto, Sousa afirmou numa entrevista, já após o término das filmagens (Gomes, 2024):

O objetivo foi evitar uma abordagem política definida sobre o que é certo ou errado. Embora tenha as minhas opiniões pessoais sobre o assunto, o filme procura retratar principalmente as experiências individuais dessas pessoas e o contexto da Revolução em que estavam imersas.

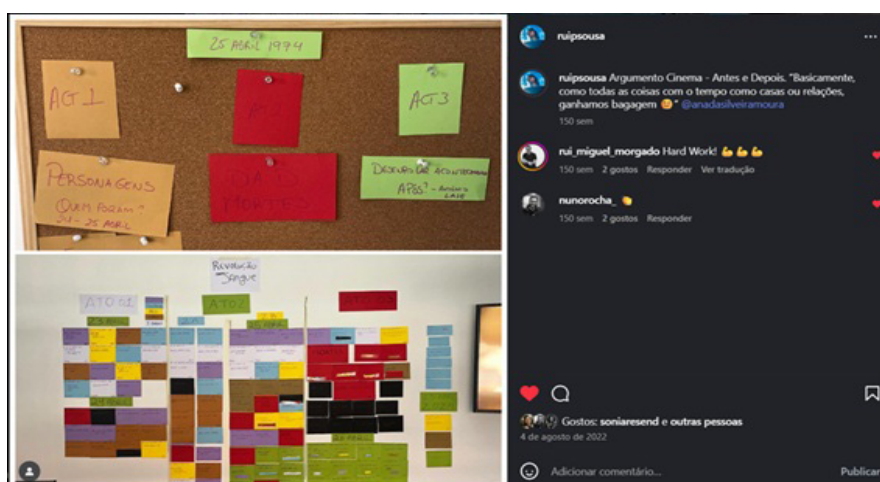
²⁵ Como relatado pelo realizador aos autores deste trabalho.

4 Exprimindo a (Nova) Memória Coletiva: A Produção & a Estreia

A primeira versão do filme entregue a 23 de dezembro de 2021 à produtora Station tinha 164 páginas (Ribeiro *et al.*, 2023)²⁶, o que significa traduzir-se sensivelmente em duas horas e meia de filme. Quando se começaram as filmagens, no dia 28 de agosto de 2023 (Revolução [...], 2023b)²⁷, o

guião utilizado era a versão trigésima terceira do argumento original, com sensivelmente noventa páginas para um filme de hora e meia, e com menos entre um quarto a um terço das personagens constantes na primeira versão. A evolução do argumento foi inclusive publicamente assinalada nas redes sociais²⁸ pelo realizador, como ilustra a Figura 7 (Sousa, 2022).

Figura 7 – Captura de ecrã da conta pessoal da app Instagram do realizador Rui Pedro Sousa com o antes e depois do esquema do filme por cenas, citando a co-argumentista



Fonte: disponível em <https://www.instagram.com/p/Cg2DGW5D6wjcTa1fpVYWQcKjsDSRozgHjilLilo/>.

A extensão das alterações ao argumento feitas durante a fase de produção é motivada por praticidade (das 164 páginas iniciais correspondendo a duas horas e meia para a versão final de 104 que correspondendo a pouco mais de uma hora e meia), mas também houve cortes e inclusões que os co-argumentistas não tinham inicialmente antecipado (Ribeiro *et al.*, 2023).

Em primeiro lugar, se morreram cinco porque é contada apenas a história de quatro? Porque o conjunto dos familiares de José Barneto com poder de autorizar a inclusão da história dele não chegaram a acordo entre eles que essa autorização acontecesse (Cinemax, 2024; Costa,

2024). Apenas foi incluída a cena da sua morte, visto tal ser um acontecimento público.

A eliminação do arco de José Barneto retirou do filme a única personagem que poderia ter mostrado a revolução pelos olhos de um pai de família. Ironicamente, essa ausência que fez deslocar os arcos narrativos para uma preponderância de pessoas jovens (João Arruda, Fernando Giesteira, e Fernando Reis) poderá ser um dos motivos que cria uma identificação entre as audiências jovens e as personagens. Esta hipótese empírica foi apresentada²⁹ por alguns dos professores que acompanharam turmas do básico e secundário

²⁶ Como referido pela co-argumentista na reportagem publicada no jornal *Público* em novembro de 2023 <https://www.publico.pt/2023/11/26/politica/reportagem/revolucao-sangue-historia-morreram-dia-25-abril-2069982>.

²⁷ Assinalado publicamente com uma publicação na app Instagram na conta oficial do filme: https://www.instagram.com/p/CwFbMsY-qEFh/?img_index=1.

²⁸ A publicação inclui uma citação da co-argumentista quando acabaram a tarefa.

²⁹ Durante as sessões a seguir ao visionamento do filme, como a que aconteceu no Teatro Municipal de Vila do Conde, a 29 de maio de 2024, segundo testemunho da argumentista para este artigo.

a sessões especiais para a escola.

Outra alteração ao argumento surge um mês antes de se começar a filmar (Alves, 2024). O realizador assiste ao documentário *A PIDE Leninha*, que estreia a 26 de abril de 2023 (Sá; Ferreira, 2022) e decide incorporar a agente da PIDE no filme, como descreve em entrevista à revista Cinema Metropolis (Alves, 2024):

Porque temos de mostrar aos miúdos de hoje como é que era naquela altura. Uma mulher que está na rua a uma hora qualquer, e apenas por causa disso é levada para a PIDE e interrogada daquela forma! A agente Leninha fazia mesmo tudo aquilo que se vê no filme. Falámos com vítimas que foram torturadas por ela, e até fazia muito mais, como a tortura do sono (dias sucessivos sem poder dormir) e a tortura da estátua.

Este aspecto foi reforçado em outra entrevista (Gomes, 2024):

No entanto, a um mês das filmagens, descobrimos a personagem da Leninha, uma agente da PIDE. Decidimos então transformar a personagem interpretada pela São José, tornando-a na cara da nossa vilã, a cara da PIDE.

Outro aspecto foi a ênfase na experiência de quem combateu na Guerra Colonial através dum personagem inventado, Tomás. Sendo Fernando Reis um militar e apesar de não ter combatido, devido a sua natureza desobediente e rebelde (pode-se ler na sua biografia no Museu do Aljube que "à data da morte, era soldado da 1.ª Companhia Disciplinar de Penamacor, unidade historicamente utilizada pelo Estado Novo para punir militares e elementos da oposição acusados de indisciplina" (Museu do Aljube, 2025), era lógico poder ver-se a perspetiva de quem tinha combatido na guerra colonial através do seu arco narrativo. Para tal, e a partir da experiência e testemunhos, acessíveis em vários sítios da Internet, desde *podcasts* a vídeos institucionais, até documentários, desenvolveu-se a personagem de Tomás, amigo de Fernando Reis, que cumpriu o tempo de serviço militar na guerra e está de volta à capital com cicatrizes físicas e

psicológicas. O monólogo que tem numa cena na véspera do 25 de Abril, foi escrito incorporando elementos dos vários relatos (Alves, 2024):

Foi escrito com base em vários depoimentos de pessoas que estiveram no ultramar. Houve alguém que falou na questão de disparar com a mão esquerda, outro de que viu o amigo morrer a frente dele com um morteiro. Por isso o Tomás (João Bettencourt) acaba por dar voz a várias pessoas quando fala de depois de ser ferido em combate, e apesar disso, ainda permanece algum tempo a combater, pois "quem dispara com a mão direita, também dispara com mão esquerda". O jovem acabou por ficar lá mais dois meses até voltar. [...] Ele depois fez a sua pesquisa, falou com pessoas que estiveram na guerra, tentou perceber algo sobre esses traumas, e creio que chegou a ir a uma instituição de apoio a pessoas que estiveram envolvidas na guerra e conversar um pouco com eles³⁰.

O filme tem vários monólogos e um deles, que terá eventualmente contribuído para que o ator João Arrais tenha ganho o Prémio Sophia de Melhor Ator Secundário pelo seu papel no filme, é o de Nelson Silva, quando na manhã de 25 de Abril, incita os colegas na residência universitária onde vive, a irem para a rua. Nelson Silva, ao contrário de Tomás, é inspirado numa pessoa real, Luís Miúdo, amigo e antigo colega de quarto de João Arruda, anteriormente já referido em publicações sobre as vítimas mortais do 25 de Abril (Rocha, 1999).

O guião já estava fechado quando, a 24 de julho de 2023, o realizador telefonou à co-argumentista pedindo dois monólogos adicionais que serviriam apenas de ruído de fundo enquanto a ação decorreria. A. M. P. Rodriguez perguntou se estes monólogos seriam ouvidos pelo público, e a resposta foi negativa. Era apenas para as cenas e diálogos dos intervenientes não acontecerem no silêncio. Rodriguez enviou as cenas pedidas no dia 8 de agosto de 2023, três semanas antes das filmagens começarem (vide Figuras 8, 9, e 10).

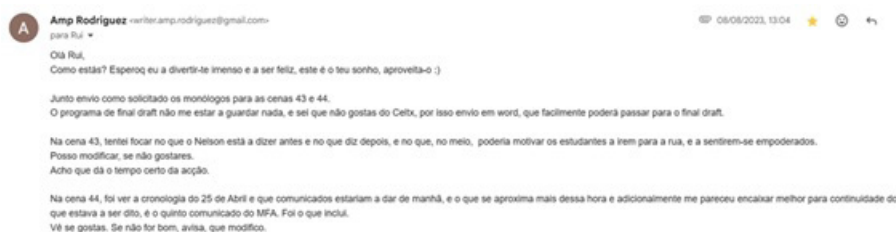
³⁰ Este comentário sobre ter feito parte da preparação dos atores da geração jovem atual, transcrito de <https://cinemametropolis.com/m105/pdf/m105.pdf>, o terem falado com familiares dos mortos de abril e com pessoas que tivessem experienciado o que eles iam personificar é reforçado noutras entrevistas (por exemplo, a dada ao blogue Cinematograficamente falando).

Figura 8 – Captura de ecrã do texto de email enviado pelo realizador à argumentista solicitando os textos adicionais para as cenas 43 e 44



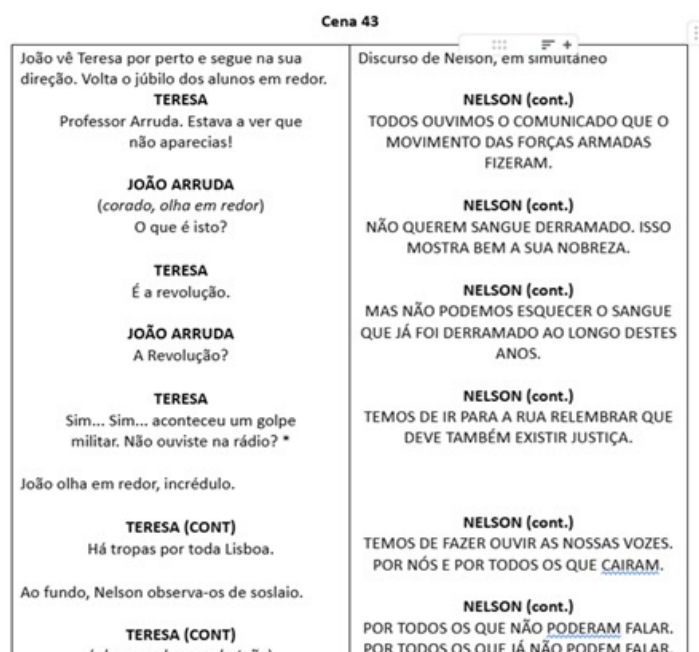
Fonte: Copyright @A. M. P. Rodriguez & Rui Pedro Sousa (cortesia dos autores).

Figura 9 – Captura de ecrã do texto de *email* enviado pela co-argumentista para o realizador sobre os dois discursos que escreveu para serem 'ruído de fundo' nas cenas 43 e 44



Fonte: Copyright @A. M. P. Rodriguez (cortesia da autora, que assume as gralhas do texto, muito usuais em correspondência rápida).

Figura 10 – Captura de ecrã da versão inicial do discurso do personagem Nelson Silva para a cena 43 e que acabaria por ser incluída com destaque na edição após filmagens



Fonte: Copyright @A. M. P. Rodriguez (cortesia da autora).

Durante a edição do filme, no outono de 2023, a editora Ana Barbosa comentou com o realizador que achava que o monólogo de Nelson funcionava bem no filme, Sousa concordou, e o que era ruído de fundo tornou-se a essência da cena³¹.

A música do filme (Revolução [...], 2024a), em particular, é a âncora emocional do mesmo, focando três canções (Alves, 2024):

Temos três músicas chave no nosso filme: é a "Tourada" que foi escolhida para abrir o filme pois sendo uma música que fala de "nós o povo que temos que agarrar o touro pelos cornos e virá-lo do avesso". [...] Sempre quis apresentar o meu "povo", que são estes personagens, com a música a tocar e com a Ana Bacalhau a fazer uma versão da música. Depois, a meio do filme temos a «Grândola Vila Morena»: normalmente a Grândola é sempre tocada nos filmes sobre a revolução com alguns dos militares a ouvirem e a saberem que tem de sair com os tanques. Nós preferimos mostrar que a música estava a tocar como senha da revolução, mas as pessoas ouviam a música e nem sequer sabiam que aquilo era um sinal para a tropa sair à rua, com tanques. Continuavam a fazer a sua vida, ao mesmo tempo a música tocava. Finalmente, a «Pedra filosofal»: sempre quis que esta música fosse o chavão, o ponto final do filme! Com aquele refrão "Eles nem sabem nem sonham que o sonho comanda a vida". É quase, em simultâneo, os nossos personagens a dizer que é o sonho deles que vai comandar a vida de toda a gente. É também um pouco dizer que aqueles que morreram, nem sabem, nem sonham aquilo que conseguiram, aquilo que o povo português conseguiu alcançar.

Na antestreia, após a exibição do filme e enquanto toda a equipa e elenco sobem ao palco, Paloma del Pilar, que interpretou o interesse romântico de João Arruda no filme, canta ao vivo (Tunetradio, 2024) para uma sala cheia em muitos recorreram aos lenços de papel para enxugar lágrimas no final do filme³². O ator Rafael Paes que interpretou João Arruda, numa entrevista, conseguiu falar por toda a equipa quanto à importância que sentiram sobre o projeto e o que alcançaram nesse dia (Borges, 2025)³³:

No dia da antestreia da "Revolução (sem Sangue)", a família do João Arruda (jovem açoriano assassinado pela PIDE no dia 25 de Abril de 1974) foi assistir. No final, quando fomos todos ao palco, estava ainda em choque a processar tudo o que estava a acontecer. E a irmã do João, a Esmeralda, veio ter comigo com um cravo na mão e lágrimas a escorrer. Abraçou-me com o coração todo e agradeceu-me por tudo o que fiz pelo João.

Quinze dias depois da estreia, no dia 25 de abril de 2024, os filhos de Fernandes Reis testemunharam um parlamento de pé a aplaudir a memória do seu pai e de João Arruda, Fernando Giesteira e José Barneto em reconhecimento do significado das suas mortes (Assembleia da República, 2024).

5 Eles veem um milhão de filmes³⁴: uma primeira proposta de análise

Tendo descrito os aspectos principais do desenvolvimento do filme e o resultado político, senão mesmo político-social, quinze dias depois na Assembleia da República Portuguesa, propomos-mos a fazer uma análise empírica sobre como este filme conseguiu tal, focando sobretudo os aspectos quantitativos e qualitativos dessas primeiras semanas de exibição, visto se existirem efeitos de causalidade no discurso do cinquentenário terão de ser identificados nesse intervalo temporal.

Em primeiro lugar, porque (aparentemente) conseguiu o filme alcançar um maior reconhecimento público, pelo menos no espaço político, para estas pessoas? Afinal, antes do filme tinham existido livros, documentários, uma placa comemorativa colocada por anónimos, reportagens. Antes de mais, o filme foi o quarto filme português mais visto em 2024³⁵ (ICA, 2025a) e até 18 de julho de 2024, o filme português mais visto (ICA, 2025b).

³¹ Como relatado pelo realizador aos autores deste trabalho.

³² Durante a chegada ao Cinema São Jorge, quando os convidados recebiam o bilhete, foi-lhes oferecido um pacote de lenços de papel em tom vermelho, o que causou alguma surpresa. No final do filme, em que se ouviam claramente pessoas a chorar, os lenços provaram a sua utilidade.

³³ Em entrevista a crónica de Luís Filipe Borges sobre os embaixadores informais dos Açores: <https://www.nit.pt/cultura/cinema/embaixada-dos-acores-7>.

³⁴ Referência à citação de Quentin Tarantino sobre filmes: "If a million people see my movie, I hope they see a million different movies". Segundo o site <https://indiefilmhustle.com/filmmaking-quotes/>.

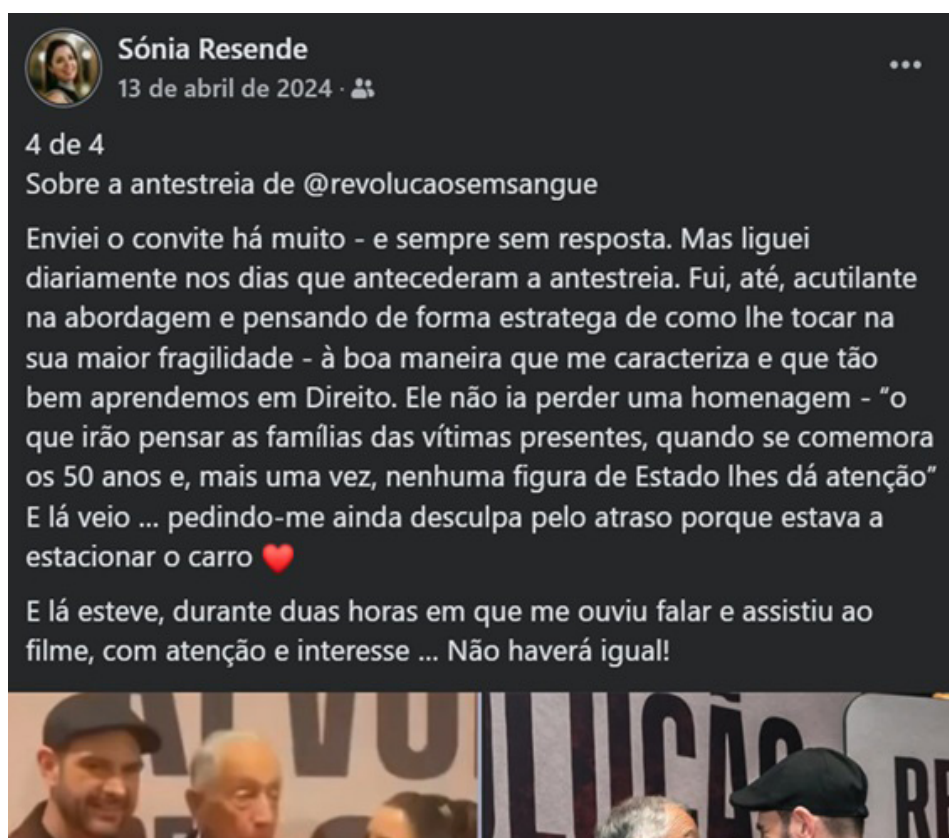
³⁵ Os três lugares acima no ranking correspondem a comédias estreadas a partir de julho de 2024.

Um fator, no entanto, que a própria equipa (Resende, 2024a, 2024b)³⁶ apontou foi a presença do Presidente da República. Esta presença não foi simples de obter (vide as Figuras 11 e 12). Como está descrito numa publicação na conta de Facebook da produtora Sónia Resende, ela telefonou diariamente para a residência oficial do presidente, insistindo que as famílias das vítimas estariam presentes na antestreia e que seria lamentável que mesmo assim não houvesse um reconhecimento público do que acontecera

por ausência do presidente. Este fator está igualmente salientado na reportagem que Fábio Monteiro fez sobre a antestreia, assim como a amargura de cinquenta anos dos familiares (Monteiro; Lopes, 2024):

Quando há as celebrações de Abril, a Presidência da República nunca, nunca menciona as vítimas. Eu vejo sempre. Mesmo quando trabalhava, gravava. Até hoje não houve ninguém da presidência que dissesse qualquer coisa sobre as vítimas. Nunca mencionam as vítimas. Para nós é um insulto. Para as vítimas de Abril é um insulto [...].

Figura 11 – Publicação da produtora Sónia Resende na sua conta pessoal da aplicação Facebook relativa à antestreia do filme em que afirma a insistência e argumentos para obter resposta positiva ao convite enviado ao Presidente da República Portuguesa (Captura de ecrã)



Fonte: disponível em <https://www.facebook.com/sonia.resende83/posts/pfbid08rftZWfexuyjd-T1fvFVyL5v41sN1qwYD2j9X2c4p66xpqKWZ5kea3tBhVX328Dql>.

³⁶ A produtora assinalou a presença e importância da ida do Presidente da República Portuguesa nas redes sociais com duas publicações, uma relativa à estreia em que descreve o esforço que fez para que existisse resposta positiva ao convite para a antestreia, outra em que assinala a saída das salas de cinema do filme, aponta que foi o filme português mais vistos do ano até essa data, e que até o Presidente o viu no cinema.

Figura 12 – Publicação da produtora Sónia Resende na sua conta pessoal da aplicação Facebook assinalando a saída do filme das salas de cinema portuguesas e salientando que não só foi o filme português de 2024 mais assistido até essa data (10 de maio de 2024), como inclusive o Presidente da República Portuguesa contou-se entre os espectadores (Captura de ecrã)



Fonte: disponível em <https://www.instagram.com/p/C6zVLh6Mgdfef7EoTACF33sjnh2WKqWGr6gYo/>.

Em segundo lugar, o facto de ser inspirado em eventos reais, como o realizador mesmo afirmou (Alves, 2024), e não um decalque dos mesmos relativamente à vida destas pessoas, permitiu uma construção de narrativa ficcional que chega a diferentes públicos a que os livros e documentários não tinham conseguido chegar: “Vou ser sincero: sendo um filme que afirma ser inspirado em eventos reais, é mesmo inspirado! Nós estamos a fazer ficção, não estamos a fazer documentário”.

Donde pode-se perguntar, para além do reconhecimento público no cinquentenário pelos representantes eleitos, que conexão sentiram ou

reação tiveram os espectadores à medida que visionavam o filme no cinema e posteriormente em plataformas de *streaming*, onde ainda está disponível³⁷.

As reações que a equipa testemunhou nas sessões das escolas e nas oferecidas pelas várias câmaras em comemoração do cinquentenário da revolução³⁸ indicam uma interface visceral entre os espectadores e o filme, com eventual eco nos dados recolhidos na app de cinema Letterboxd, onde se encontram a maioria das resenhas do público com acesso aberto, mesmo para quem não é usuário³⁹, (vide a Figura 13).

³⁷ O filme esteve disponível para aluguer na FILMIN (a partir de 13 de junho de 2024 <https://www.instagram.com/p/C8HS4yQMqUv/>) e plataformas NOS, MEO, e Vodafone (a partir de 15 de junho <https://www.instagram.com/p/C8PhGTPMPBc/>), antes de estar disponível para os clientes da HBOMax a 18 de julho de 2024 (<https://www.instagram.com/p/C9Zvq1Bsn8n/>) onde ainda se encontra. Não há dados de audiência disponíveis destas plataformas sobre o mesmo, embora elementos da equipa tenham partilhado nas redes sociais a entrada direta do filme para o TOP 10 da HBOMax (vide por exemplo <https://www.instagram.com/p/C9gmsHReozVq/>). Adicionalmente, a presença no filme em plataformas de *streaming* ‘piratas’, muito usadas pelas gerações mais novas, igualmente distorceria a inferência estatística dos dados que as plataformas pudessem disponibilizar.

³⁸ Obtido por testemunho direto de elementos da equipa recolhido pelos autores deste trabalho. Não se encontrou dados oficiais e quantitativos que estivessem disponíveis sobre a audiência destas sessões.

³⁹ Em comparação, na The Internet Movie Data Base (IMDB) só se encontrava, até à escrita deste trabalho, uma resenha: https://www.imdb.com/pt/title/tt18253426/reviews/?featured-rw9731783&ref=tt_uruv_c_1.

Figura 13 – Dados de visualização e classificação dos utilizadores da aplicação Letterboxd até o dia 4 de Julho de 2024 (Captura de ecrã)



Fonte: página oficial do filme *Revolução (sem) Sangue* na Letterboxd a 4 de julho de 2024.

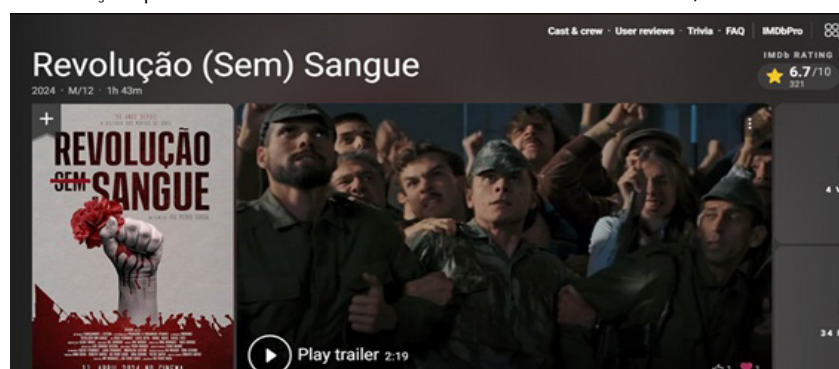
A aplicação Letterboxd, que se define a si mesma como a rede social dos amantes de cinema⁴⁰, permite interação e classificação dos filmes através dos votos de críticos, cineastas e cinéfilos inscritos. Nessa medida, as conclusões que se extraíam da mesma podem não ser representativas de uma população (nacional, regional ou global) pois dependem de muitos fatores que não se podem verificar (por exemplo, é difícil definir com segurança faixas etárias). Apesar disso, há a indicação de que a grande maioria dos utilizadores estará na faixa etária entre os 18 e os 35 anos, ou seja, será maioritariamente constituída por pessoas que nasceram depois do 25 de Abril (Jerónimo, 2024). Não deixa, no entanto, de poder fornecer dados com susten-

tação para uma análise empírica qualitativa e quantitativa que se adequa à natureza ensaística deste trabalho.

À data da recolha dos dados que se analisam (4 de julho de 2025), um total de 1288 utilizadores da Letterboxd tinham registrado o filme *Revolução (sem) Sangue* como visto, e destes 975 classificaram o filme desde a pontuação mínima (meia estrela) até à máxima (cinco estrelas). Um quarto opta por classificar com quatro estrelas e a avaliação é significativamente mais positiva que negativa (vide a Figura 13), o que está de acordo com as classificações atribuídas na base de dados The Internet Movie Data Base (IMDB), como ilustram as Figuras 14 e 15, sendo que nesta última apenas se encontra uma única resenha.

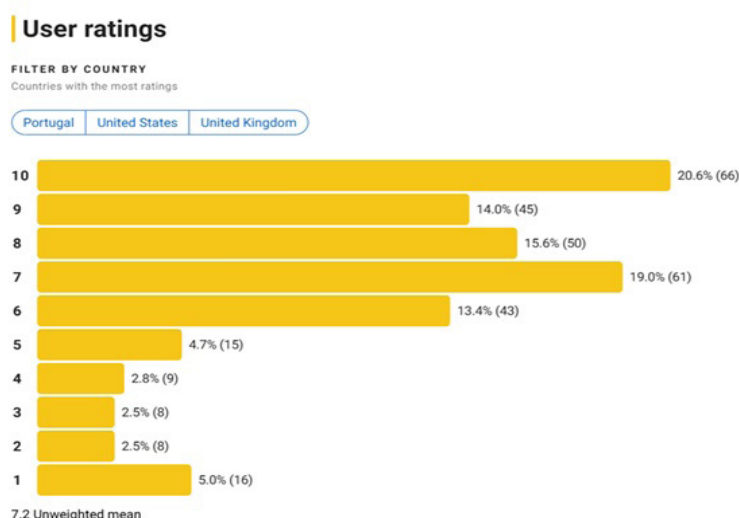
⁴⁰ Tradução de *The Social network for film lovers* <https://letterboxd.com/>.

Figura 14 – Classificação ponderada dos utilizadores da IMDB até o dia 4 de Julho (Captura de ecrã)



Fonte: disponível na página oficial do filme *Revolução (sem)Sangue* na IMDB a 4 de julho de 2024.

Figura 15 – Dados de classificação dos utilizadores da The Internet Movie Database (IMDB) até o dia 4 de Julho de 2024 (Captura de ecrã)



Fonte: disponível na página oficial do filme *Revolução (sem)Sangue* na IMDB a 4 de julho de 2024.

Sendo que procura-se uma análise de reações extremas ('viscerais') em que igualmente se tenha acesso a uma resenha, analisaram-se as resenhas de dois grupos distintos de classificações. No primeiro, os utilizadores que classificavam o filme de meia estrela até duas estrelas, o segundo, aqueles que não só classificavam entre quatro e cinco estrelas, mas adicionalmente ativavam a informação de 'Gosto'. De notar que, enquanto que no primeiro grupo essa funcionalidade nunca aparece, há situações de classificações de duas

estrela e meia em que se adicionou a informação de 'Gosto'⁴¹, o que pode indicar uma maior ambivalência nas resenhas dessas classificações, tendo as mesmas sido descartadas da análise. Analogamente há classificações máximas sem ativar a informação de 'Gosto'⁴², sendo este um factor de conexão emocional claro. Estabelecendo uma janela temporal maior que a do circuito comercial inicial do filme, ou seja, desde 10 de abril de 2024 até 4 de julho de 2025, temos 25 resenhas no primeiro grupo, e 77 no segundo

⁴¹ Vide por exemplo <https://letterboxd.com/marianexvs/film/bloodless-revolution/activity/> (sem resenha) ou <https://letterboxd.com/comunices/film/bloodless-revolution/> (com resenha).

⁴² Vide por exemplo https://letterboxd.com/fi_oliveira/film/bloodless-revolution/.

grupo.

Do que é possível perceber, os portugueses são a grande maioria de quem assistiu e classificou o filme, embora também se encontrem críticas e classificações de utilizadores brasileiros e espanhóis. No caso destes últimos, terá (muito provavelmente) contribuído para o registro a transmissão do filme, dobrado em galego, na TV Galicia no dia 24 de abril de 2024, repetindo na mesma data no ano seguinte (Agalega, 2024; Television de Galicia, 2024; TvGalicia, 2024, 2025)⁴³.

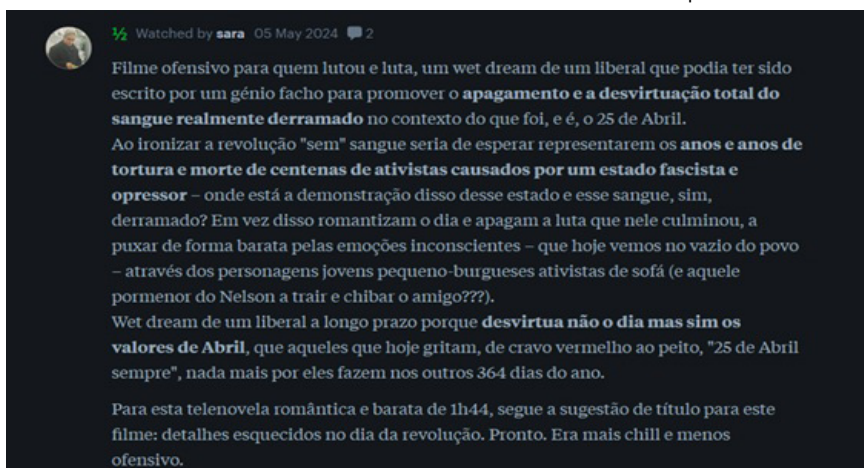
A importância que a Revolução dos Cravos tem na Galiza e mesmo em Espanha igualmente sustenta que se salienta o valor do filme em questionar um esquecimento nacional (Teatro López de Ayala, 2025) em eventos internacionais no território espanhol, como no 31º Festival Ibérico de Cinema (Badajoz, Espanha):

Em comunicado enviado à agência Lusa, o mesmo organismo explicou que [...] A película

"surge na cena cinematográfica como uma proposta corajosa que questiona uma das grandes narrativas oficiais da história recente de Portugal: a de que a Revolução dos Cravos, que trouxe a democracia de volta ao país em 25 de abril de 1974, foi um processo pacífico e sem vítimas mortais", disse (RTP, 2025).

Há aspectos recorrentes, quer nas críticas de boa classificação, quer nas de má, e com temas que se não conseguirmos ver como comuns dentro de cada grupo pelo menos se sobrepõem e sinergizam. Do lado de quem expressou desagrado, a ausência de personagens com o perfil usualmente esperado em protagonistas da Revolução dos Cravos – militância política de esquerda, engajamento ativista assumido contra a ditadura, heroicidade sem nuances –, assim como considerarem que o título do filme descarta o sangue derramado durante a ditadura e a Guerra Colonial (Sara, 2024)⁴⁴, como podemos ver no exemplo apresentado na Figura 16.

Figura 16 – Exemplo de crítica em que se nota um dos *leitmotifs* de quem classificou negativamente o filme, o de que é pouco politizado – sobretudo de acordo com o que usualmente é apresentado em filmes sobre o 25 de Abril de 1974 –, e que deveria falar de todo o sangue que a ditadura provocou, tomando ofensa com a ironia do título do filme (Captura de ecrã)



Fonte: disponível na página das críticas (reviews) acessíveis a todos os utilizadores da Letterboxd e a quem não seja usuário e aceda por motor de pesquisa – ou seja, acessível publicamente: <https://letterboxd.com/sarag/film/bloodless-revolution/>.

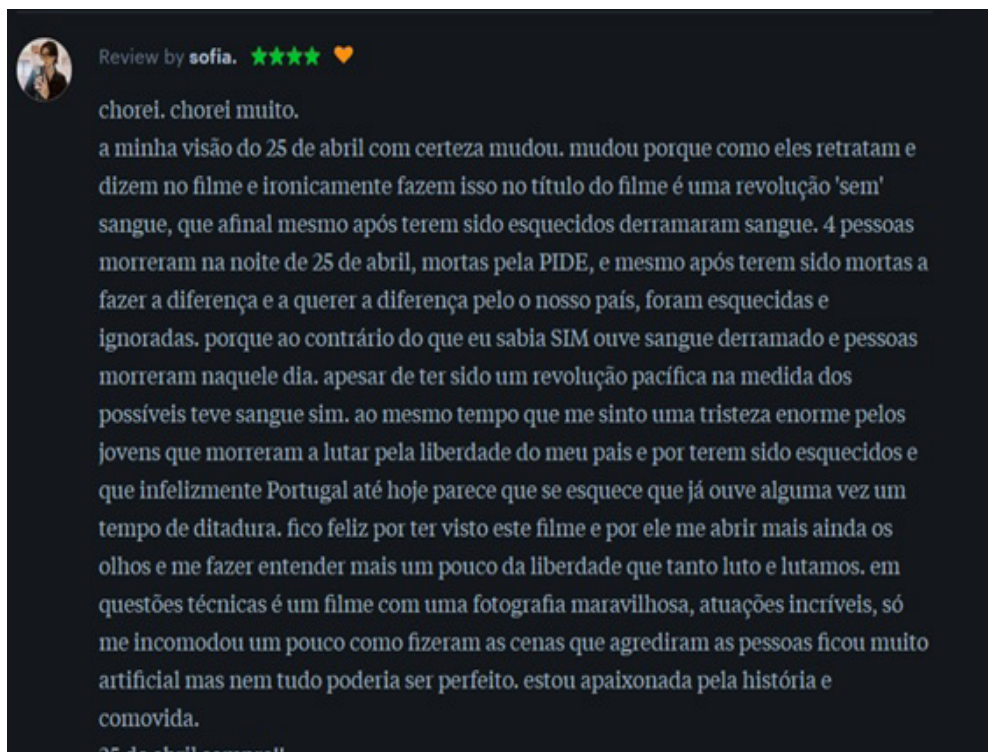
⁴³ Vide a programação televisiva também de 24 de abril de 2024: https://www.elmundo.es/television/programacion-tv/peliculas/49737652_revolucion-sen-sangue.html.

⁴⁴ Não se conseguiu, no entanto, durante a fase de recolha de dados (até 4 de julho de 2025) encontrar críticas destes utilizadores sobre o não mencionar sangue derramado antes e durante a revolução em outros filmes sobre a *Revolução dos Cravos*, nos quais o carácter de ausência de sangue derramado no dia da revolução é afirmado explícita ou implicitamente. De notar que as resenhas podem ser adicionadas posteriormente a filmes anteriormente vistos, donde a revolta contra o título do filme, quando essa mesma designação – Revolução sem sangue – enunciada noutros meios audiovisuais, sem ironia, mas como factual, podem vir a ser clarificadas no futuro por esses utilizadores se a explicitarem relativamente a outros filmes.

Nos temas recorrentes nas críticas de quem atribuiu boa classificação ao filme (e a indicação de 'Gosto'), identificaram-se sobretudo a mudança de perspetiva sobre a Revolução dos Cravos (agora menos romantizada mas com um incremento de apreço pelo dia e o seu significado), o reconhecimento da importância dessas mortes para o fim da PIDE/DGS e consequentemente para a História da Democracia em Portugal, a importância da história sobretudo para quem nasceu em democracia, e a reação emocional às

personagens, aos seus arcos narrativos – contadas do ponto de vista deles –, à circunstância das suas mortes, e os efeitos que as mesmas e o seu esquecimento público tiveram nos familiares (Sofia, 2025; Valilinda, 2025). Da análise de todas estas resenhas, infere-se que todos estes utilizadores já atribuíam importância histórica, social e política (senão mesmo simbólica) ao 25 de Abril antes de visualizarem o filme (vide as Figuras 17 e 18).

Figura 17 – Exemplo A de crítica em que se nota um dos *leitmotifs* de quem classificou positivamente o filme, o de que mudou a perspetiva que tinha sobre o dia da revolução, a recuperação da memória dos que morreram (e o fator de reação emocional a essa descoberta), e a importância da história para os jovens portugueses (Captura de ecrã)



Fonte: Disponível na página das críticas (reviews) acessíveis a todos os utilizadores da Letterboxd e a quem não seja usuário e aceda por motor de pesquisa – ou seja, acessível publicamente: <https://letterboxd.com/soshunting/film/bloodless-revolution/>

Figura 18 – Exemplo B de crítica (neste caso em inglês) em que se nota outro *leitmotifs* de quem classificou positivamente o filme, o da importância de mostrar a reação das famílias dos esquecidos de abril à história dos seus familiares (Captura de ecrã)



Fonte: disponível na página das críticas (resenhas) acessíveis a todos os utilizadores da Letterboxd e a quem não seja usuário e aceda por motor de pesquisa – ou seja, acessível publicamente: <https://letterboxd.com/valilinda/film/bloodless-revolution/>.

A perspetiva cinematográfica de narrar filmicamente sob o ponto de vista dos populares e daqueles que morreram, referida em várias das críticas positivas, acaba por ilustrar o porquê da força do filme em termos sociais depender dessa escolha do realizador, a qual foi sempre bem claro em afirmar (Ribeiro *et al.*, 2023): "O nosso filme é sobre o 25 de Abril; é um filme sobre a revolução mas não um documentário, o cenário é o 25 de Abril mas o ponto de vista é o do povo, das pessoas comuns".

No dia 10 de abril, na antestreia do filme no Cinema São Jorge, uma dessas pessoas comuns, Esmeralda Arruda, irmã dum dos mortos (esquecidos) de Abril foi ter com uma pessoa não comum, tendo a ocorrência ficado registrada numa peça jornalística de Fábio Monteiro, igualmente presente na antestreia (Monteiro; Lopes, 2024):

[...] Um dos espetadores – que confirmou a presença à última hora e que não passa despercebido – é Marcelo Rebelo de Sousa.

Acompanhado pelo conselheiro Pedro Mexia, Marcelo tem lugar reservado, na sala principal, junto a uma das portas de acesso.

Mal Esmeralda Arruda cruza essa mesma porta, repara no Presidente da República. E não perde a oportunidade. Aproxima-se e pergunta: "Por favor, posso cumprimentá-lo?" Marcelo levanta-se logo.

Sem perder tempo a explicar que é da família de João Arruda, Esmeralda continua: "Sr. Presidente, tenho muito respeito pelo senhor, mas tenho algo aqui que tenho de desabafar." Marcelo acede: "Diga, diga." Esmeralda prossegue: "Qual a razão de, até hoje, nas comemorações de Abril, as vítimas nunca serem mencionadas?"

Marcelo fica espantado com a pergunta, arregala os olhos. E responde: "Eu não sei."

6 Eles Não Sabem, Nem Sonham⁴⁵: Conclusão

Devemos igualmente, na conclusão deste trabalho, ecoar a frase do Presidente da República Portuguesa e dizer: Não sabemos!

Neste trabalho, enquadrado na interrogação

⁴⁵ Referência à canção Pedra Filosofal, de 1970 por Manuel Freire a partir do poema de António Gedeão, de 1956, que atravessa a banda sonora do filme *Revolução (sem) Sangue* até ser formalmente cantada na cena de despedida do caixão do João Arruda: <https://festivaiscancao.wordpress.com/2024/05/14/%F0%9F%8C%B950-cancoes-que-gritaram-liberdade-26-pedra-filosofal-manuel-freire/>.

entre o papel do cinema na modelação da memória coletiva e história pública, pois como afirma Candau "[...] a memória é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutre mutualmente" (Candau, 2011, p. 9), abordou-se esta problemática através do caso de estudo, com uma abordagem exploratória, do percurso do filme *Revolução (sem) Sangue*, desde a sua conceção, desenvolvimento de escrita, produção, pós-produção, estreia e efeitos (sobretudo no discurso político) nas semanas seguintes à estreia.

Para tal, recorreu-se a uma grande diversidade de fontes primárias, com primazia às de acesso aberto, acrescentando em algumas situações o testemunho direto recolhido junto a elementos da produção. Adicionalmente, procurando analisar empiricamente a verbalização da audiência sobre o filme, não só no cinema, mas também no seu percurso em diversas plataformas de *streaming*, fez-se uma recolha de dados quantitativos e qualitativos de resenhas na aplicação Letterboxd. De notar que na maioria destes casos não se conseguiu identificar onde tinham visionado o filme, e que eventuais dados quantitativos sobre esses visionamentos em plataformas como a FILMIM ou HBOMax podem ser enviesados por acesso dos espectadores a plataformas de *streaming* 'pirata', por exemplo. Igualmente, para uma maior robustez de conclusões, seria interessante poder-se aceder aos dados, se é que existem registos dos mesmos, das audiências das sessões das escolas e câmaras nas celebrações.

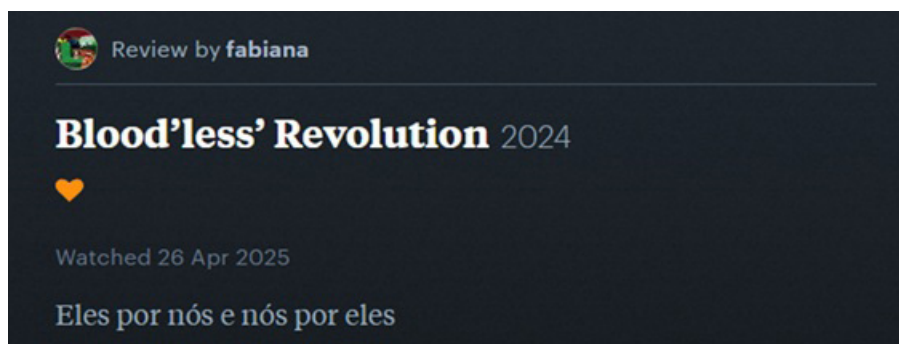
Com precaução relativamente a inferências estatísticas, pode-se apesar de isso apontar vários fatores que ajudem a compreender o efeito do filme no reconhecimento do nome de quatro vítimas mortais no 25 de Abril e sua homenagem na Assembleia da República Portuguesa no cinquentenário do mesmo (Assembleia da República, 2024). A abordagem cinemática de

perspetiva destas pessoas, e consequentemente dos populares, que pode ter contribuído para uma identificação dos espectadores; a presença do Presidente da República Portuguesa na estreia, que contou igualmente com os familiares das vítimas, que poderá ter chamado a atenção de outros governantes e classe política; e mesmo a surpresa da audiência em descobrir um aspecto da revolução que contraria a popular expressão revolução sem sangue para se referir a *Revolução dos Cravos*. Explorar estes fatores em outros casos de estudo da interface entre cinema, memória coletiva e história pública, poderá permitir uma maior sustentação sobre o papel dos mesmos.

Em suma, em resposta à hipótese que exploramos neste trabalho, i.e., de como a linguagem cinematográfica, enquanto interveniente da interface cinema, memória coletiva, e história pública, pode ser fator ponderado na reorganização de uma memória forte, consideramos que nessa ponderação os parâmetros de surpresa, conexão emocional, e âncoras pessoais (como familiares vivos) e institucionais (como a presença de dignitários) fortalecem a possibilidade do cinema como catalisador de reconhecimento público e institucional na reorganização da memória forte.

Não sabemos, no entanto, com segurança científica e académica porque foram tão esquecidos os mortos de abril, sobretudo do discurso oficial. Não sabemos com segurança científica e académica porque o filme terá impulsionado o reconhecimento político-institucional quinze dias após a sua estreia. O que conseguimos saber, quer do processo de desenvolvimento do filme, das suas opções estéticas e cinemáticas de narrativa, das interações com público ao longo de um ano após a estreia foi identificado e discutido. Mas se nos for possível a audácia, pouco científica, consideramos que a razão foi verbalizada numa crítica publicada online (Fabiana, 2025), que se apresenta na Figura 19.

Figura 19 – Exemplo de crítica que resume a motivação do realizador e equipa para iniciar e concretizar o projeto do filme (Captura de ecrã)



Fonte: disponível na página das críticas (reviews) acessíveis a todos os utilizadores da Letterboxd e a quem não seja usuário e aceda por motor de pesquisa – ou seja, acessível publicamente: <https://letterboxd.com/r4diocabeca/film/bloodless-revolution/>.

Agradecimentos

Os autores dedicam o trabalho aos Mortos de Abril. Ana S. Moura agradece o apoio na fase final de submissão e revisão deste trabalho do contrato via o projeto da Europa Criativa *Hypothesis You Preserve* (HYP Project: 101131688 — HYP — CREA-CULT-2023-COOP), sendo que as perspectivas e opiniões expressas neste trabalho são da total responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente aquelas da União Europeia ou da Education, Audiovisual and Culture Executive Agency (EACEA). Nem a União Europeia ou a autoridade financiadora podem ser responsabilizadas por elas.

Referências

AGALEGA. *Revolucion sen sangue*. [Filme]. *Agalega*, ls. lI, 24 abr. 2024. Disponível em: <https://www.agalega.gal/videos/detail/138647-revolucion-sen-sangue>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155 - 202.

ALVES, Sérgio. *Revolução (sem) Sangue* (Entrevista – realizador Rui Pedro Sousa). *Metrópolis*, ls. lI, n. 106, p. 26-36, abr. 2024. Disponível em: <https://cinemametro-polis.com/m105/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ANTUNES, André F. Cravos, sangue e uma "saraivada de tiros": o cinema e a televisão contam a história dos mortos do 25 de abril. *Observador*, Lisboa, 14 abr. 2024. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/cravos-sangue-e-uma-saraivada-de-tiros-o-cinema-e-a-televisao-contam-a-historia-dos-mortos-do-25-de-abril>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ARAÚJO, António. 25 de Abril: a revolução que não foi assim tão branda. *Diário de Notícias*, Lisboa, 30 jun. 2019a. Disponível em: <https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/25-de-abril-a-revolucao-que-nao-foi-assim-tao-branda-11056529.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ARAÚJO, António de. *"Morte à PIDE": a queda da polícia política do Estado Novo*. Lisboa: Tinta da China, 2019b.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA. Reunião Plenária - Cerimônia completa da Sessão Solene comemorativa do L Aniversário do 25 de Abril. [Vídeo (3:19:51)]. ARTV, Lisboa, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://canal.parlamento.pt/cid/7648/reuniao-plenaria>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BLOOD'LESS' REVOLUTION. Página oficial - Letterboxd, c2024. Disponível em: <https://letterboxd.com/film/bloodless-revolution/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BORGES, Luís Filipe. Embaixada dos Açores: "O sangue açoriano carrega uma vontade natural de ir além da origem" (Entrevista a Rafael Paes). *Ni7*, ls. lI, 1 jun. 2025. Disponível em: <https://www.nit.pt/cultura/cinema/embaixada-dos-acoress-7>. Acesso em: 23 jun. 2025.

CARMO, Margarida do; Redação JN. Os esquecidos de abril: a história das cinco vítimas do dia da revolução. *Jornal de Notícias*, Porto, 24 mar. 2025. Disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/artigo/os-esquecidos-de-abril-a-historia-das-cinco-vitimas-do-dia-da-revolucao/17848930>. Acesso em: 26 fev. 2026.

CAMPBELL, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. 3. ed. New World Library. 2008.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CINCO Mortos e Quarenta feridas. Hospitais: Balanço provisório. *Diário de Lisboa*, Lisboa, n. 18440, p. 4, 26 abr. 1974. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/efemerides/25Abril/diaseguinete/DLISBOA/HTM/P_P3.html. Acesso em: 10 jun. 2025.

CINEMAX. "Revolução (sem) Sangue": chega aos cinemas o filme sobre os mortos no 25 de abril. *CINEMAX - RTP*, [s. l.], 12 abr. 2024. Disponível em: <https://cinemax.rtp.pt/artigos/revolucao-sem-sangue-chega-aos-cinemas-o-filme-sobre-os-mortos-no-25-de-abril/>. Acesso em: 26 fev. 2026.

CINEMUNDO. "Açorda": a prova de que pão também pode ser uma sopa. "Revolução": a prova de que também podemos ser livres. [Imagem]. *Instagram*, [s. l.], 20 abr. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C5_M6YNsgQP/. Acesso em: 10 jun. 2025.

COME hoje pão seco quem o açambarcou ontem. *A Capital*, Lisboa, n. 2214, p. 9, 26 abr. 1974. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Capital/ACapital_26Abr1974/ACapital_26Abr1974_item1/Pg.html. Acesso em: 10 jun. 2025.

COSTA, Maria João. Os que morreram. A história menos contada do 25 de Abril chega aos cinemas. *Renascença*, Lisboa, 9 abr. 2024. Disponível em: <https://rr.pt/noticia/vida/2024/04/09/os-que-morreram-a-historia-menos-contada-do-25-de-abril-chega-aos-cinemas/373918/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

EDITORIAL: Shock Waves from Lisbon (Portugal's Carnation Revolution – archive, April 1974). *The Guardian*, Londres, p. 12, 26 abr. 1974. Disponível em: https://upload.guim.co.uk/2024/04/23/Shock_waves_from_Lisbon_.Gdn_26_Apr_1974.jpg. Acesso em: 10 jun. 2025.

FABIANA. "Eles por nós e nós por eles". [Texto]. *Letterboxd*, [s. l.], 26 abr. 2025. Disponível em: <https://letterboxd.com/r4diocabeca/film/bloodless-revolution/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GODINHO, Jacinto A. R. Os últimos dias da Pide – Assalto à Pide. EP.1. [Filme]. Digital or Visual Products, RTP Rádio Televisão Portuguesa. *RTP*, Lisboa, 2015. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p31738/e1>; <https://www.rtp.pt/play/p6534/os-ultimos-dias-da-pide>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GOMES, Hugo. "Nunca tive a intenção de fazer um filme político": falando com Rui Pedro Sousa e Diogo Fernandes sobre "Revolução (Sem) Sangue". *Cinematograficamente falando*, [s. l.], 21 abr. 2024. Disponível em: <https://cinematograficamentefalando.blogs.sapo.pt/nunca-tive-a-intencao-de-fazer-um-filme-3034284>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ICA. Resultados do Concurso Primeiras Obras. *Instituto de Cinema e Audiovisual*, Lisboa, 15 dez. 2022. Disponível em: https://www.ica-ip.pt/fotos/concursos/primeiras-obras_2022_2048163aae30d82b57.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

ICA. *Ranking dos Filmes Nacionais Estreados 2024*. Lisboa, 2025a. Disponível em: https://ica-ip.pt/fotos/downloads/ads/estreias_nacionais_2024_27714555567767dcfc167e.pdf. Acesso em: 26 fev. 2026.

ICA. *Ranking Semanais Acumulados 2024*. Lisboa, 2025b. Disponível em: https://ica-ip.pt/fotos/downloads/semanais_acumulados_2024_45829623967767dc7202d6.pdf. Acesso em: 26 fev. 2026.

JERÓNIMO, Mariana. "Comecei a ver muito mais filmes desde que tenho Letterboxd": rede social não pára de crescer e faz jovens regressarem ao cinema. *Expresso*, Lisboa, 7 fev. 2024. Disponível em: <https://expresso.pt/geracao-e/2024-02-07-Comecei-a-ver-muito-mais-filmes-desde-que-tenho-Letterboxd-rede-social-nao-para-de-crescer-e-faz-jovens-regressarem-ao-cinema-41768119>. Acesso em: 26 fev. 2026.

LARANJEIRA, Pedro. 25 de Abril de 1974. *Página Pessoal de Pedro Laranjeira*. Disponível em: https://laranjeira.com/radio/740425_25abril.html. Acesso em: 10 jun. 2025.

MONTEIRO, Charles. O Cinema como arena de debates para as memórias difíceis da ditadura civil-militar brasileira: *Ação Entre Amigos* (1998) e *Memória Que Me Contam* (2012). *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 49, n. 1, e44078, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2023.1.44078>.

MONTEIRO, Fábio; LOPES, Maria Costa. Os mortos da Revolução. "É importante lembrar que o 25 de Abril não foi só flores". *Rádio Renascença*, Lisboa, 23 abr. 2024. Disponível em: <https://rr.pt/fotoreportagem/pais/2024/04/23/os-mortos-da-revolucao-e-importante>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MONTEIRO, Fábio. *Esquecidos em Abril*. Os mortos da revolução sem sangue. Lisboa: Livros Horizonte, 2019.

MORALES, João. Estive na passada Quarta-feira na ante-estreia do filme *Revolução Sem Sangue* (o facebook não me deixa grafar a palavra de [...]). [Fotografia]. *Facebook*, [s. l.], 13 abr. 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/joao.morales.3/posts/pfbid0cx-5vD5WQSpqc9pMoJYdzyDE1CCZP1E1PZQXyvBCc8x-qSHWDawF2Q11Vzy5a8bnw3l>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MOURA, Ana da Silveira. Dois meses depois, em regime de escrita part-time, celebramos com Champomy (Champony, Ana, a sério? comentou o @ruipsousa) as cento [...]. [Fotografia]. *Instagram*, [s. l.], 23 dez. 2021a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CX0j-nljsQuP/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MOURA, Ana da Silveira. Porque metade de mim é análise, e a outra metade criação :) Hoje começou uma história que daqui a um ano [...]. [Fotografia]. *Instagram*, [s. l.], 4 nov. 2021b. Disponível em: <https://www.instagram.com/anadasilveiramoura/p/CV3ey-RM1Ji/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MOURA, Ana da Silveira. Quando estamos naquele momento em que ainda não há uma concretização de intenções sobre aquilo a que dedicaste tanto trabalho [...]. [Fotografia]. *Instagram*, [s. l.], 3 fev. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/anadasilveiramoura/p/CZg4-gkMfHH/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MUSEU DO ALJUBE. Fernando Luís Barreiros dos Reis. *Museu do Aljube*. Disponível em: <https://www.museu-doaljube.pt/doc/fernando-luis-barreiros-dos-reis/>. Acesso em 10 jun. 2025.

PACHECO, Luiz. *Diário Remendado* (1971-1975). Lisboa: D. Quixote, 2005.

RENASCENÇA. "Revolução (sem) sangue". Filme vai contar história dos que morreram na revolução. *Rádio Renascença*, Lisboa, 7 out. 2023. Disponível em: <https://rr.pt/noticia/vida/2023/10/07/revolucao-sem-sangue-filme-vai-contar-historia-dos-que-morreram-na-revolucao/349742/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RESENDE, Sónia. 4 de 4/ Sobre a antestreia de @revolucao-sem-sangue/ Enviei o convite há muito - e sempre sem resposta. Mas liguei diariamente nos dias que [...]. [Fotografia]. *Facebook*, [s. l.], 13 abr. 2024a. Disponível em: <https://www.facebook.com/sonia.resende83/posts/pfbid08rfnTzwfexuyjdT1fvFVYL5v41sN1qwYD-zj9X2c4p66xpqKWZ5kea3tBhVX328DqL>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RESENDE, Sónia. O filme *Revolução (sem) Sangue* está agora de saída dos cinemas. A quem foi ver - muito obrigado por o ter [...]. [Fotografia]. *Instagram*, [s. l.], 10 maio 2024b. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6zVLh6Mqdfef7EoTACF33sjnh2WKKgWGr-6gY0/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

REVOLUÇÃO SEM SANGUE. A aventura começou no FEST 2022 com a participação no Pitching Forum, onde Rui Pedro Sousa e Ana Silveira Moura [...]. [Fotografia]. *Instagram*, [s. l.], 23 ago. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CwdY8pWKw5u/?img_index=1. Acesso em: 10 jun. 2025.

REVOLUÇÃO SEM SANGUE. António Araújo é um preso político. Mais do que falar do personagem falamos do ator. O António é um reconhecido [...]. [Fotografia]. *Instagram*, [s. l.], 22 nov. 2023a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cz8ahLPMuvn/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

REVOLUÇÃO SEM SANGUE. Featurette, A Música da revolução. *IMDB*, [s. l.], 2024a. Disponível em: https://www.imdb.com/video/vi1123796505/?ref_=tt_vids_vi_t_2. Acesso em: 10 jun. 2025.

REVOLUÇÃO SEM SANGUE. Featurette, Os Esquecidos *Revolução (sem) Sangue*. *IMDB*, [s. l.], 2024b. Disponível em: https://www.imdb.com/video/vi4152804889/?ref_=tt_vids_vi_4. Acesso em: 10 jun. 2025.

REVOLUÇÃO SEM SANGUE. Primeiro dia de rodagem! [Fotografia]. *Instagram*, [s. l.], 28 ago. 2023b. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CwFbMsYqF-Fh/?img_index=1. Acesso em: 10 jun. 2025.

RIBEIRO, Nuno et al. *Revolução (sem) Sangue*: a história dos que morreram no 25 de Abril. *Público*, Lisboa, 26 nov. 2023. Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/11/26/politica/reportagem/revolucao-sangue-historia-morreram-dia-25-abril-2069982>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RIBEIRO, Nuno; GAUDÊNCIO, Rui. *Revolução (sem) Sangue*: a tomada da sede da PIDE é um filme. *Público*, Lisboa, 5 fev. 2023. Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/02/05/politica/noticia/revolucao-sangue-tomada-sede-pide-filme-2037356>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ROCHA, João Manuel. O estrebuchar mortífero do regime (e os cinco mortos de 25 de Abril de 1974). *Público*, Lisboa, p. 20 - 21, 23 abr. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.23402.13768>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ROSAS, Fernando; ROLLO, Maria Fernanda (coord.). *História da primeira república portuguesa*. Lisboa: Tinta-da-China, 2010.

RTP. Festival Ibérico de Badajoz tem cinema português na abertura e na competição de 'curtas'. *RTP*, Lisboa, 4 jul. 2025. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/festival-iberico-de-badajoz-tem-cinema-portugues-na-abertura-e-na-competicao-de-curtas_n1666791. Acesso em: 4 jul. 2025.

SÁ, Jorge; FERREIRA, Leandro. A Pide Leninha [Ficha técnica]. *MEMORIALE Cinema Português*, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://cinemaportuguesmemorial.pt/Filmes/id/4467/t/a-pide-leninha>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SANTOS, Pedro M. Fábio Monteiro sobre os mortos esquecidos no 25 de Abril (Entrevista). *Fumaca*, Lisboa, 25 abr. 2019. Disponível em: <https://fumaca.pt/fabio-monteiro-sem-a-morte-das-pessoas>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SARA. Filme ofensivo para quem lutou e luta, um wet dream de um liberal que podia ter sido escrito por um [...]. [Textol. *Letterboxd*, [s. l.], 5 maio 2024. Disponível em: https://letterboxd.com/sarag_/film/bloodless-revolution/. Acesso em: 10 jun. 2025.

SILVA, Helena Moreira da. *Monarquia do Norte*. Lisboa / Matosinhos: QuidNovi, 2006.

SMITH, Laura G. E. et al. Polarization is the psychological foundation of collective engagement. *Communications Psychology*, Londres, v. 2, n. 41, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s44271-024-00089-2>.

SOFIA. chorei. chorei muito. a minha visão do 25 de abril com certeza mudou. mudou porque como eles retratam no filme [...]. [Textol. *Letterboxd*, [s. l.], 26 jun. 2025. Disponível em: <https://letterboxd.com/soshunting/film/bloodless-revolution/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SOUZA, Rui Pedro. Argumento Cinema - Antes e Depois. [...]. [Fotografia]. *Instagram*, [s. l.], 4 ago. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cg2DGW5D6wjcTa-1fpVYWQcKjsDSRozgHjiLilo/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

STEELE, Jonathan; DE FIGUEIREDO, António. Lisbon junta pledges liberty: war in Africa may be ended (Portugal's Carnation Revolution – archive, April 1974). *The Guardian*, Londres, 26 abr. 1974. Disponível em: <https://www.theguardian.com/theguardian/2024/apr/24/portugal-carnation-revolution-archive-1974>. Acesso em: 10 jun. 2025.

TEATRO LÓPEZ DE AYALA. 31 Festival Ibérico de Cine - LA PREMIER "Revolução sem sangue". *Teatro López de Ayala*. Disponível em: <https://www.teatrolopezdeayala.es/shows/details/1659/31-festival-iberico-de-cine-la-premier-revoluao-sem-sangue>. Acesso em: 7 jul. 2025.

TELEVISION DE GALÍCIA. Mañá á noite conmemoramos o día que cambiou Portugal co filme #RevoluciónSen-Sangue, inspirado na Revolución dos Caraveis, e que [...]. [Video (0:43)]. *Facebook*, [s. l.], 23 abr. 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/televisiondegalicia/videos/revoluci%C3%B3n-sen-sangue-estrea-ma%C3%B1a-en-agalega/405908572208424/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

TVGALICIA. Hoxe estreamos a peli "Revolución sen sangue" É unha longametraxe portuguesa baseada en feitos reais, que conta a [...]. [Video (0:30)]. *Instagram*, [s. l.], 25 abr. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Dl3oTlEpcRL/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

TVGALICIA. Esta noite ás 23h poderás ver #RevoluciónSenSangue, un filme sobre a Revolución dos Caraveis! Disponível durante 24 horas [...]. [Video (0:40)]. *Instagram*, [s. l.], 24 abr. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C6JHAXbMSEc/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

TUNETRADIO. Paloma Del Pillar - "Pedra Filosofal" (BSO do filme "Revolução (Sem) Sangue", 10.04.2024). [Video]. *YouTube*, [s. l.], 11 abr. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GDm4c-6TfFw>. Acesso em: 10 jun. 2025.

VALILINDA. Simply an incredible, moving and painful film. One of the best films about the Revolution, since there are few that [...]. [Texto]. *Letterboxd*, [s. l.], 10 jun. 2025. Disponível em: <https://letterboxd.com/valilinda/film/bloodless-revolution/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor*: estrutura mítica para escritores. Trad. Petê Rissatti. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

Ana da Silveira Moura

PostDoc researcher, with research interests and publications ranging from computational tools for eco and cytotoxicity prediction to Green Creativity, as well as transversal fields, such as medical social networks, or the reliability of online and Distance Learning assessment. She is also an author (under the pen name A. M. P. Rodriguez), having cocreated the Winepunk subgenre, and a screenwriter, having won the FICME-C-NADOR 2025 Award for Best Original Screenplay, and been nominated for the 2025 SOPHIA Award on the same category.

Further details available at:

<https://www.cienciavita.pt/551C-133B-52C1>

Rui Pedro Sousa

Film director, visual effects artist, screenwriter, and producer born in 1986. Alongside working in Portuguese blockbusters as a visual effects artist, he gathered his friends to produce his first short film *Tsintty* (2013) during the weekends in 2012. Since then, he accumulated several awards for his short film body of work, including "Rising Star Award" at the Canada International Film Festival. His first feature film, which he also cowrote, *Blood'less' Revolution*, about lesser known historical details of the Portuguese Carnation Revolution premiered on April 2024 and has won several awards and nominations, including a SOPHIA 2025 and a FICME-C-NADOR 2025 Awards for Best Original Screenplay.

Sónia Resende Beleza

Film producer and partner and co-founder at Station Productions. She has three degrees, from communication to law - specializing in copyright - which allows her to have a very broad vision of the creative field. Starting her career as a journalist, her first contact with cinema happens in 2010, where her work in communication and marketing of the film *Balas & Bolinhos - o último capítulo* helped take it to the top of the most seen in the Portuguese cinema. After producing 5 short films, her production company Station Productions released the feature film *Blood'less' Revolution* that not only has received many awards and nominations but brought increased national awareness regarding lesser known details of the Carnation Revolution

Endereço para correspondência

ANA DA SILVEIRA MOURA

anadasilveiramoura@gmail.com; acmoura@mhnc.up.pt

RUI PEDRO SOUSA

rui.sousa@station.com.pt

SÓNIA RESENDE BELEZA

sonia.resende@station.com.pt

Como citar este artigo

Moura, A., Sousa, R. P., & Resende Beleza, S. (2026). Os Cravos do Esquecimento: o desenvolvimento do filme *Revolução (sem) Sangue* como estudo de caso da intersecção entre memória coletiva, cinema e história pública. *Estudos Ibero-Americanos*, 52(1), e48484. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2026.1.48484>

Os textos deste artigo foram normalizados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.